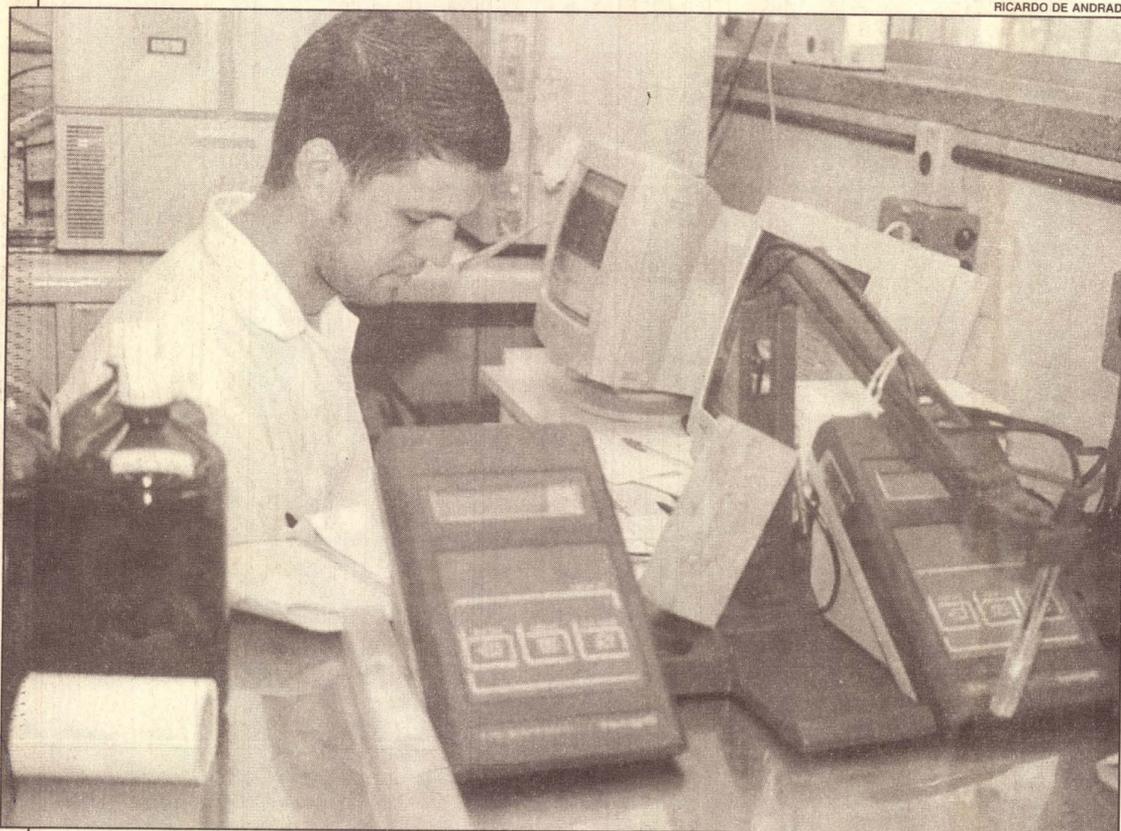


IMPRESSO

## C&T terá gestão compartilhada

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos reunirá comunidade científica, setor empresarial e agências governamentais PÁGINAS 6 e 7



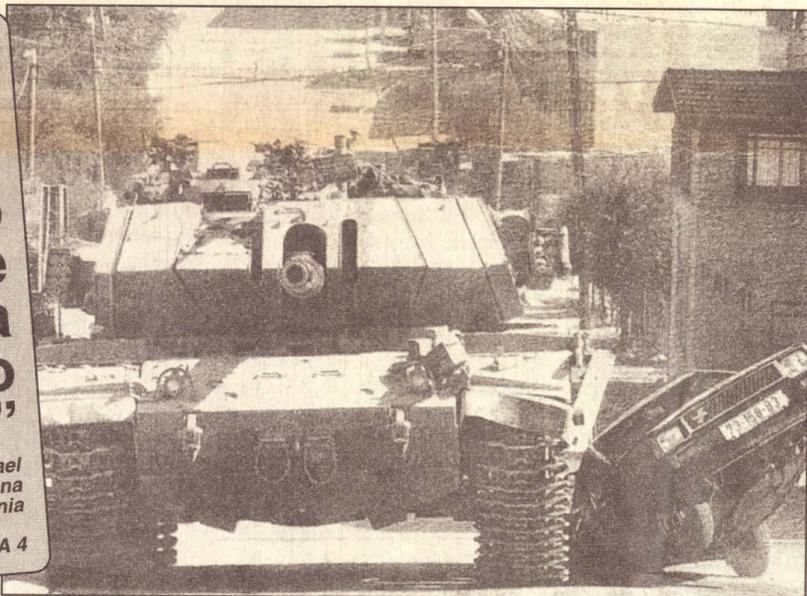
### IQ garante os combustíveis do Estado

Com os programas de monitoramento e controle, as fraudes diminuíram  
PÁGINA 3

### Violência no Oriente Médio sugere uma "solução final"

Tanque de Israel invade Beit Jala, na Cisjordânia

PÁGINA 4



### Antraz: mais medo que efeito

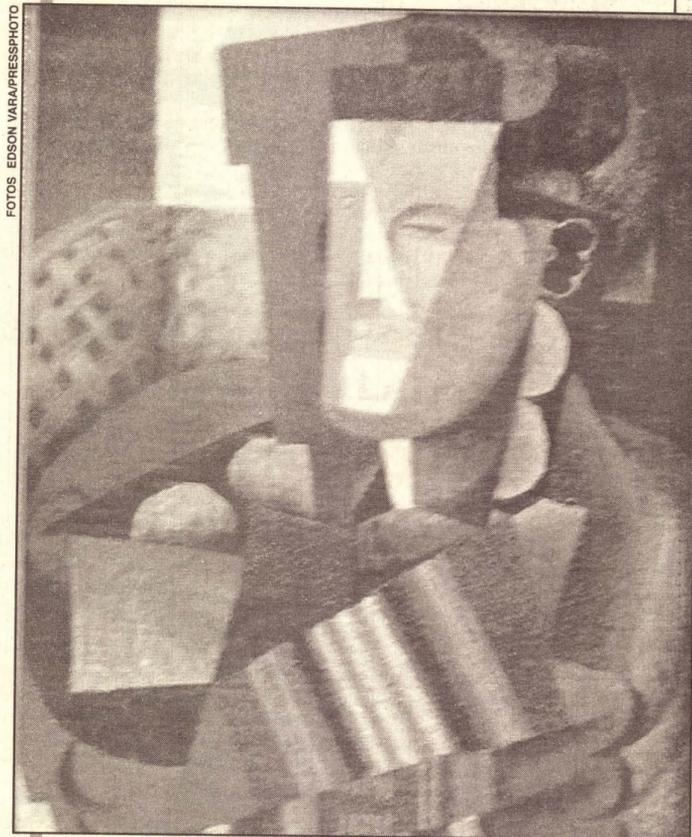


Postos de correio sob vigilância cerrada. PÁGINA 5

### Projeto Mosaico mapeia o RS com fotos do Landsat

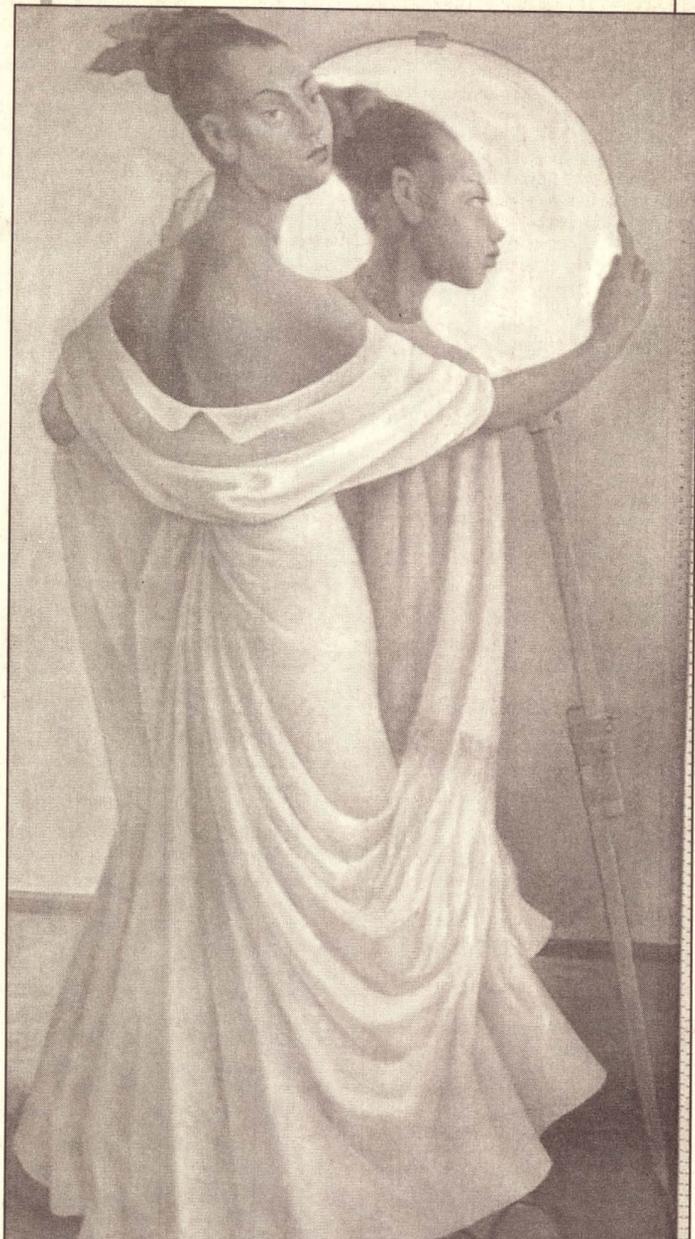
UFRGS reforça laços com escolas, municípios e regiões. PÁGINA 8

### Cidade assiste à 3ª Bienal



A mostra de Diego Rivera no Margs é para mim a principal atração desta terceira edição da Bienal do Mercosul. Nunca se teve a oportunidade de ver reunidas em uma exposição tantas pinturas, gravuras e desenhos deste grande muralista mexicano como a que acontece aqui em Porto Alegre. Isto porque o neto do pintor, Juan Rivera, trouxe obras de sua coleção privada, além de outras pinturas de coleções particulares de todo o mundo. Rivera morou na Europa nos anos loucos, onde conviveu com figuras como Braque e Picasso, ensaiou alguns passos no cubismo, e mais tarde viajou pelos Estados Unidos fazendo murais em Detroit, São Francisco e Nova York, no Rockefeller Center. Este último mural foi destruído logo após a conclusão, por causa de uma discussão pública do pintor com Nelson Rockefeller sobre a inserção de uma figura símbolo do comunismo na obra. Diego Rivera era assim mesmo: um pintor polêmico, um personagem que adorava inventar histórias sobre a sua infância antropófaga, um gênio. Fora de todo o folclore criado em cima do personagem, a mostra é uma chance de nos confrontarmos com a pintura pura, com a pincelada, com o traço do desenho.

Eduardo Vieira da Cunha  
artista plástico  
professor do Instituto de Artes da UFRGS



PÁGINA 11

## Primavera cultural

É primavera, e Porto Alegre já desfruta de três acontecimentos culturais de grande importância: a 47ª Feira do Livro, a 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul e o Fórum Mundial de Educação. A Feira do Livro está na página 9, a Bienal, na página 11 e o Fórum Mundial de Educação aqui mesmo, na página 2. Entre elas, outra matéria cultural: a notícia do lançamento da obra de Arthur de Faria *Um Século de Música*, composto por livro e CDs com a história da música no Rio Grande do Sul.

Mais uma boa notícia: os servidores técnico-científicos voltaram ao trabalho depois de três meses de greve, e apesar de não terem conseguido ver aceitas todas as suas reivindicações (página 9). Com isso, caso os professores em greve também voltem ao trabalho, a Universidade retoma seu ritmo normal, com a recuperação das aulas e com a realização do concurso vestibular, no início do próximo ano.

Enquanto isso, o Instituto de Química informa que vai de vento em popa o programa de controle de qualidade dos combustíveis no Estado, resultado de convênio com a Agência Nacional de Petróleo (página 3). Mas o tema principal (e recorrente) nos jornais do mundo inteiro, inclusive no nosso, continua sendo a retaliação do Estados Unidos contra o Afeganistão, em consequência dos atos terroristas que destruíram as torres do World Trade Center e do Pentágono. Leia nas páginas 4 e 5 sobre os desdobramentos da "nova guerra", que apavora o Oriente Médio, os Estados Unidos e, por conseguinte o mundo inteiro.

Nas páginas centrais, o Jornal da Universidade retoma o tema da ciência e tecnologia, apresentando uma entrevista com o presidente do recém-criado Centro de Gestão e Estudos Estratégicos professor Evandro Mirra, ex-presidente do CNPq. E vem aí o primeiro mapa digital do Rio Grande do Sul, resultado do Projeto Mosaico, iniciado em março do ano passado pelo Centro Estadual de Pesquisas em Sensoriamento Remoto e Meteorologia da UFRGS. A matéria está na página 8. O perfil deste mês apresenta a professora e pesquisadora Stela Maris Kuze Rates, da Faculdade de Farmácia.

## ESPAÇO DA REITORIA

### Tempo de compromissos

• WRANA MARIA PANIZZI

Reitora

Três importantes eventos simultâneos desta segunda quinzena de outubro – Fórum Mundial de Educação, 3ª Bienal do Mercosul e 47ª Feira do Livro – transformam Porto Alegre na cidade da educação, da cultura e da arte. E a densidade e o impacto da participação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nesses fatos, realçam sua importância cultural na cidade e reafirmam sua capacidade de liderança na comunidade científica e educacional do Estado e do País.

Na Feira do Livro, por exemplo, a participação da UFRGS inclui desde o patrono, nosso colega professor Armino Trevisan, ao Coordenador da Feira, Geraldo Huff, diretor da nossa Editora, passando pelo trabalho desenvolvido por dezenas de estudantes bolsistas; participação da Editora da UFRGS e sua livraria, da Rádio da Universidade, com boletins diários, além de vários lançamentos de livros dos nossos professores e técnico-administrativos, resultado de seus trabalhos de pesquisa, muitos deles com a participação de estudantes da nossa Universidade.

A destacada contribuição dos nossos professores na organização da 3ª Bienal do Mercosul e, sobretudo, a presença de inúmeros estudantes que trabalham como monitores marcam a parceria da UFRGS – com realce para seu Instituto de Artes – e concretizam o convênio que ela mantém com a Fundação Bienal. Mais do que isso, a Universidade também está representada na Bienal com a figura entusiástica e empreendedora desse expoente da ciência e medicina brasileiras, nosso ex-aluno e professor Ivo Nesralla.

A expressiva participação de professores, pesquisadores e estudantes – em especial da Faculdade de Educação – nas diferentes atividades do Fórum Mundial da Educação transforma a Universidade numa das mais importantes parceiras desse evento de expressão internacional.

Marcos importantes da inquietação e da produção cultural do povo desta cidade e deste Estado, o Fórum, a Bienal e a Feira conferem consistência à nacionalidade brasileira e contribuem para a afirmação e o reconhecimento da ainda tão precária identidade latino-americana. Também nos autorizam uma pergunta: a realização de eventos desse porte seria possível se, no passado, não tivéssemos fortemente investido não apenas na criação da nossa Universidade – decana do sistema de ensino superior do Estado – como também expandido, apoiando e qualificando a estrutura universitária existente, o ensino superior às mais diversas regiões do Rio Grande do Sul?

Não temos dúvida que manifestações dessa magnitude cultural e social só são possíveis graças ao papel desempenhado pelas universidades na formação e qualificação dos agentes sociais. É preciso ressaltar, no entanto, que o grande diferencial é – e precisa continuar sendo – o ensino público, cuja expressão está não apenas na UFRGS como nas nossas irmãs Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Pelotas, Fundação Universitária de Rio Grande e Fundação Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre.

Produzir conhecimento e formar recursos humanos qualificados, com compromisso social, são tarefas básicas da universidade, compromissos que incluem também a preservação de valores, nunca tão essenciais como agora, nestes tempos de desafios e turbulências. Lutar pela preservação e fortalecimento do sistema universitário público e gratuito é, mais do que uma obrigação de todos nós, uma dívida de honra com a sociedade que construiu esta Universidade e sua grandeza. Configura, também, o intransferível compromisso que temos de garantir às futuras gerações o direito ao ensino gratuito, em todos os níveis, inclusive em nível superior. Esta é a nossa responsabilidade como servidores públicos – cuja data comemoramos dia 28 deste mês – e como cidadãos deste Estado e deste País. Vivemos um tempo de reafirmação desse compromisso.



**UFRGS**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS/Brasil  
CEP 90.046-900  
Fone: +55 51 3316-3368  
Fax: +55 51 3316-3176  
homepage internet: <http://www.ufrgs.br>  
e-mail reitoria: [reitoria@vortex.ufrgs.br](mailto:reitoria@vortex.ufrgs.br)

#### ADMINISTRAÇÃO

**Reitora**  
Wrana Maria Panizzi  
**Vice-reitor**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Pró-reitor de Ensino**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Pró-reitor Adjunto de Graduação**  
Norberto Hoppen  
**Pró-reitor Adjunto de Pós-graduação**  
Philippe Navaux  
**Pró-reitor de Pesquisa**  
Carlos Alexandre Netto  
**Pró-reitor de Extensão**  
Luiz Fernando Coelho de Souza  
**Pró-reitora de Planejamento e Administração**  
Maria Alice Lahorgue  
**Pró-reitor de Infra-estrutura**  
Hélio Henkin  
**Pró-reitor de Recursos Humanos**  
Sérgio Nicolaiewski  
**Secretário de Assuntos Institucionais e Internacionais**  
Jaime Evaldo Fensterseifer  
**Secretária de Avaliação Institucional**  
Patrícia Lessa Flores da Cunha  
**Secretária de Desenvolvimento Tecnológico**  
Maria Alice Lahorgue  
**Secretário do Patrimônio Histórico**  
Christoph Bernasiuk  
**Procurador-geral**  
Armando Pitrez

#### Jornal da Universidade

Publicação da Coordenadoria de Comunicação Social da UFRGS  
**Coordenador**  
Miguel Ângelo Ribeiro de Ribeiro  
**Conselho Editorial** - Christa Berger, Flávio Oliveira, Geraldo Huff, Ivo Stigger, Luís Augusto Fischer e Maria Helena Weber

#### REDAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar  
Fone/fax: (051) 3316-3368/3316-3176  
e-mail: [jornal@vortex.ufrgs.br](mailto:jornal@vortex.ufrgs.br)  
homepage: <http://www.ufrgs.br/jornal>

**Editor-chefe** - Clóvis Ott

**Editora executiva** - Ida Stigger

**Editores assistentes** - Ademar Vargas de Freitas e Juarez Fonseca

**Redação** - Arlete R. de Oliveira Kempf, Carla Felten, Laís Chaffe e Sônia Torres

**Projeto gráfico e editoração eletrônica**  
Anibal Bendati

**Fotografia** - Luiz Ricardo de Andrade e Reni Jardim

**Produção** - Rita Silveira

**Home page** - Marcelo da Silveira  
**Colaboraram nesta edição** - Artur de Faria, Francisco Rüdiger e Jaqueline Moll

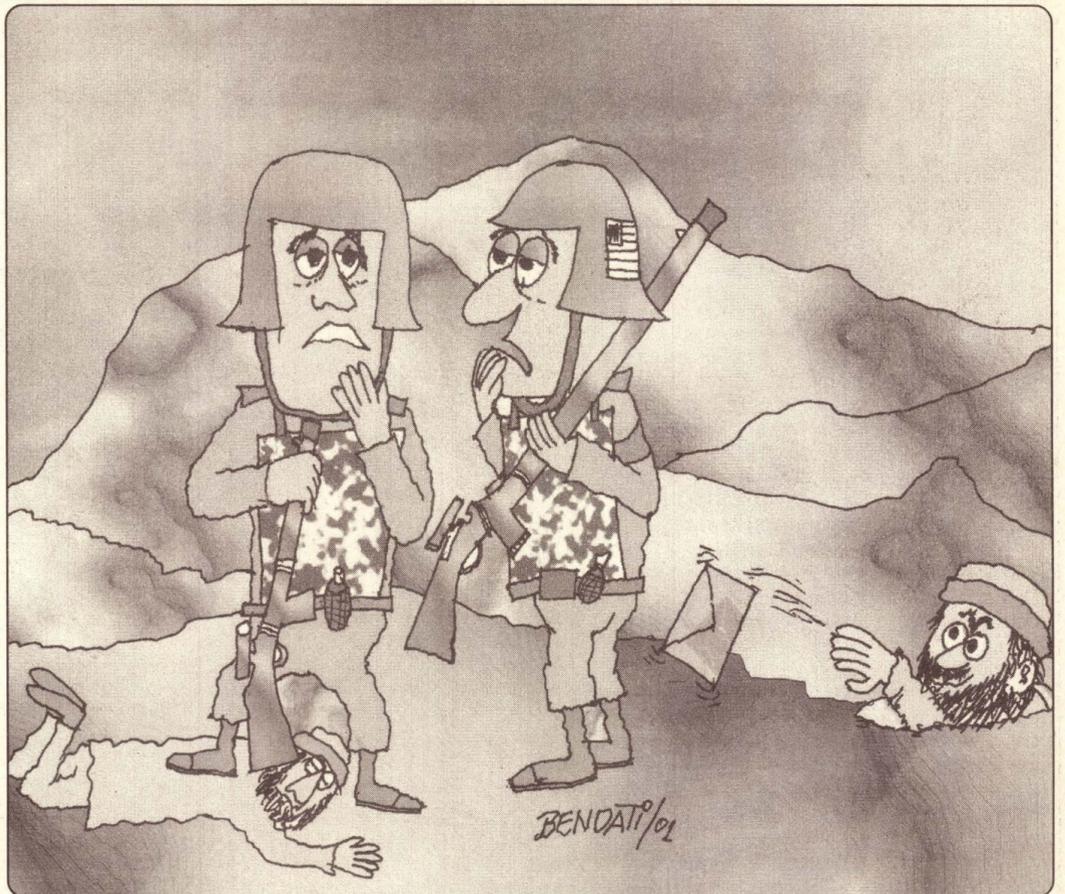
**Circulação** - Luiz Ricardo de Andrade  
[cadinho@ufrgs.br](mailto:cadinho@ufrgs.br)

**Apoio** - Rosâne Vieira

**Serv. gerais** - Antônio Carlos dos Santos

**Fotolitos e impressão** - Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas

**Apoio** - Agência Universidade Federal do Banco do Brasil



## Fórum Mundial de Educação: educação, pluralidade e democracia

• JAQUELINE MOLL

Doutora em Educação e professora da Faculdade de Educação da UFRGS

A cidade de Porto Alegre sediou no período de 24 a 27 de outubro de 2001 o primeiro Fórum Mundial de Educação, fruto da iniciativa da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Sua organização contou com diversas entidades e instituições, entre as quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Partindo do tema "A educação no mundo globalizado", quatro eixos temáticos nortearam as conferências centrais: 1. **Educação como direito**: o papel estratégico da educação pública na construção da igualdade e da justiça social; 2. **Educação, tecnologia e trabalho**: na perspectiva de uma sociedade sem excluídos; 3. **Educação e culturas**: a construção da solidariedade, a identidade como direito e o respeito às diferenças; 4. **Educação, transformação e utopias**: a construção de um outro mundo possível. Em cada um destes eixos foram três os debates que contemplaram temáticas relevantes: (eixo 1) o ajuste estrutural e o apartheid educacional planetário, a gestão pública e o sistema educacional, educação, exclusão e direitos da infância; (eixo 2) as trabalhadoras e os trabalhadores em educação e seus desafios na contemporaneidade, tecnologia, mundo do trabalho, emprego, desemprego e políticas de formação, universidade, produção do conhecimento e divisão internacional do trabalho; (eixo 3) educação, cotidiano escolar e políticas de segregação, a escola como espaço público: diferentes contextos, exigências humanas e currículo, educação, violência social e cidadania; (eixo 4) educação como espaço de resistência: movimentos sociais e sindicais, as cidades como sujeitos políticos e como espaços educadores, educação, sustentabilidade e emancipação humana. Além destes, quatro temas desencadearam debates especiais: organismos internacionais, tratados de livre comércio e reformas educacionais; escola, conectividade e sociedade da informação: inclusão digital; educação popular como projeto emancipatório; e, movimentos de resistência e alternativas às políticas neoliberais.

O Fórum contou, ainda, com uma programação simultânea na qual foram realizados 28 seminários, reuniões, colóquios, cursos, encontros, conferências e uma mostra fotográfica, além dos 768 trabalhos inscritos (brasileiros e estrangeiros) na categoria de relatos e mesas-redonda. Também foi cenário para o início da construção do *Mosaico de Livros* que terá continua-

## CARTAS

### Terrorismo 1

Bem feito, o feitiço virou contra o feiticeiro. Useiro e vezeiro de apoiar atos de terrorismo contra os mais fracos, os Estados Unidos agora estão experimentando seu veneno na própria carne. Primeiro arrasaram com os índios em seu território. Depois submeteram a América Latina. No final da Segunda Guerra, lançaram a bomba atômica sobre Hiroxima e Nagasaki (em Hiroxima, 70 mil pessoas morreram na hora). Depois veio a Guerra da Coreia, seguida pela Guerra do Vietnã, onde depejaram toneladas de agente laranja sobre plantações e toneladas de napalm sobre civis indefesos, afora matanças como a da aldeia de Mi Lai e outras atrocidades e abusos que nem chegaram a ser divulgados. Além disso, os Estados Unidos sustentam sangrentos conflitos em di-

versos pontos do mundo, dos quais o mais persistente é o que vem massacrando o povo palestino debaixo dos tanques israelenses. Embora não aprove atos terroristas de qualquer natureza, considero que foi bem feito. A justiça divina não falha.

Oswaldo Curtis Sperotto  
São Paulo

### Terrorismo 2

Como qualquer pessoa de boa índole, fiquei horrorizada com os ataques terroristas a Nova York e Washington. Agora estou mais horrorizada ainda com o bombardeio americano sobre um país miserável, atingindo principalmente a população civil. É insuportável saber que aviões e armas de última geração estão sendo usados contra velhos, mulheres e crianças do Afeganistão, que já têm inimigos de sobra na seca, na fome

e no fanatismo religioso. O mundo precisa dar um basta ao massacre de civis.

Adelina Storch  
Porto Alegre

### Fotógrafo cego

Gostei da entrevista com o fotógrafo cego (Jornal da Universidade de setembro), embora ache que o tema não merecia tanto destaque (duas páginas). Só não entendi como é que uma pessoa cega realiza um trabalho como esse, que lida especificamente com a luz. O próprio entrevistado se negou a falar sobre o assunto, dizendo que o mais importante não era como fazia e sim por que fazia. Para o leitor, entretanto, a falta de uma explicação é frustrante. Outra coisa que não entendi: se ele não enxerga mesmo, então por que usa óculos claros?

Astífilo F. de Souza  
Porto Alegre

# Instituto de Química controla qualidade dos combustíveis no Estado

**Diretor do IQ, Dimitrios Samios, diz que ação do laboratório ajuda ANP e Ministério Público a inibir adulterações**

Desde fevereiro de 2000, o Instituto de Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem desenvolvendo um programa de monitoramento e controle de qualidade dos combustíveis no Estado, sob a supervisão do diretor Dimitrios Samios. O trabalho é resultado de um convênio firmado entre o Instituto de Química e a Agência Nacional de Petróleo (ANP). De lá para cá, a ação dos fraudadores vem diminuindo.

A ANP atua em vários estados, entre eles São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná e Distrito Federal. No Rio Grande do Sul, a diminuição de fraudes nos combustíveis já pode ser medida. Logo que começou a inspeção, de cada 100 postos visitados, 10 apresentavam problemas de adulteração. Neste ano, a situação é outra. Em julho, por exemplo, foram visitados 461 postos. Destes, 13% apresentaram irregularidades. Foram recolhidas 901 amostras e realizados 6.003 análises.

Para Samios, a tendência é que a máfia dos combustíveis se desloque para estados onde a fiscalização ainda não chegou. "Acredito que as ações da ANP, do laboratório do Instituto de Química e do Ministério Público inibam a adulteração".

Até 1999, a Petrobras era a única fornecedora de combustível no País. Mas a situação mudou, e outras companhias do setor petrolífero passaram a atuar na formulação e distribuição de combustíveis. Um controle de qualidade dos produtos se tornou necessário. E a ANP passou a ser a agência reguladora.

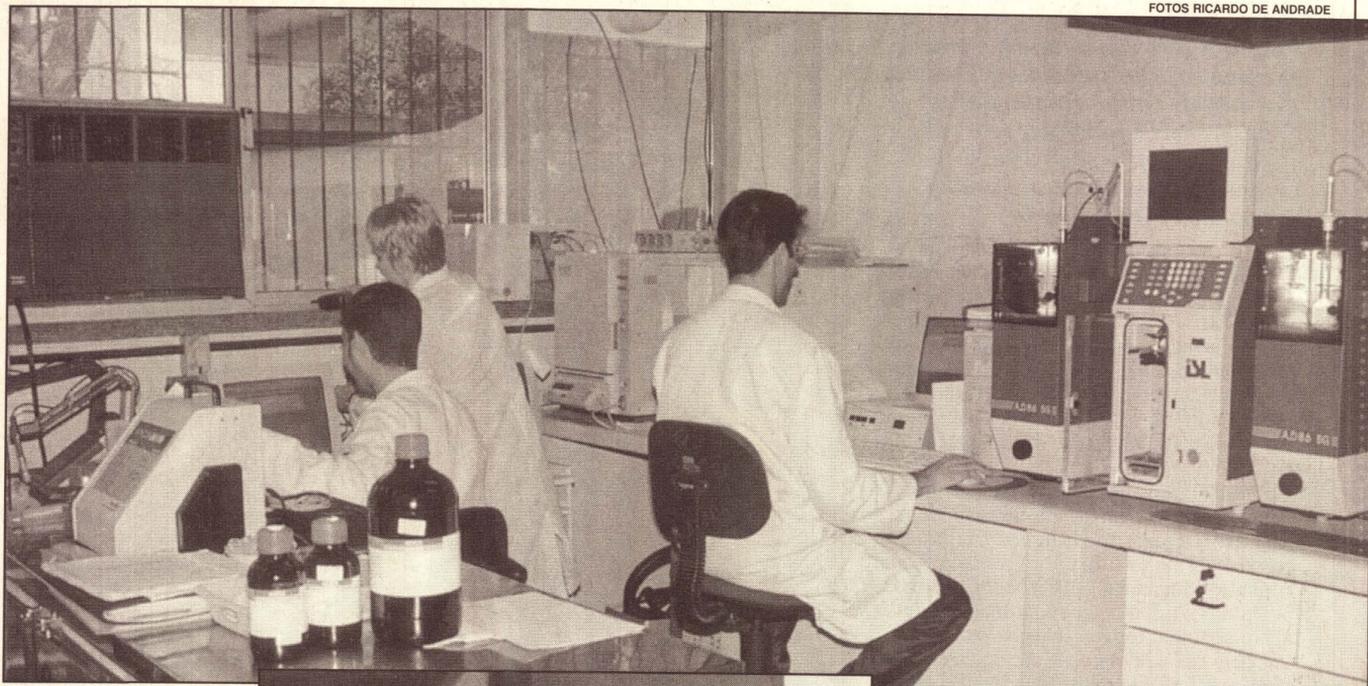
Depois de muitas reuniões entre o Instituto e a agência, com o apoio da Reitoria e da presidência e direção da Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faurgs), o Laboratório de Qualidade de Combustíveis começou a funcionar a pleno vapor. A implementação do convênio com a ANP contou com a colaboração dos professores Renato Catalunã, Clarisse Maria Piatnick Sartori e Valter Stefani.

## EQUIPE EM AÇÃO

Hoje, a equipe é formada por motoristas que percorrem todo o Estado e colhem amostras nos postos de gasolina. Doze pessoas estão envolvidas no projeto: químicos, alunos da Escola Técnica, professores, um contabilista e funcionários da Faculdade. Segundo o professor Samios, o trabalho, realizado como prestação de serviço para a ANP, foi possível graças à disponibilidade de equipamentos de pesquisa da instituição e de recursos humanos qualificados na área de química analítica e especialmente na área de combustíveis. O Instituto também possuía um espaço físico para a implementação do trabalho e equipamentos básicos, como computadores, cromatógrafos e espectrômetro, da central analítica da instituição.

Além disso, a Universidade ainda dispunha de servidores administrativos para apoio ao projeto e cooperação da Faurgs, para administração financeira do contrato. "O difícil foi escolher os equipamentos e acessórios que teríamos que comprar e instalar no laboratório. A escolha de profissionais capacitados e a criação de um novo sistema de gestão também foi um desafio", conta Samios.

Superados os desafios, começou o traba-



**Dimitrios Samios supervisiona o programa de monitoramento e controle de qualidade dos combustíveis no Estado**

lho, envolvendo a análise dos combustíveis – gasolina, álcool, diesel – primários e aditivados. O sistema de recolhimento dos combustíveis foi organizado com o auxílio do Instituto de Informática. Foi feito um mapeamento estratégico de 10 regiões do Estado, subdivididas em outras 10.

Vários cuidados com a segurança foram pensados e implementados. Para evitar o vazamento das informações, os motoristas só recebem os endereços dos locais que irão visitar pela manhã minutos antes da saída. As normas de segurança também incluem o uso de celulares para a comunicação rápida e ZPS – recurso tecnológico que dá o posicionamento de quem o está utilizando por transmissão via satélite. Câmeras digitais também são usadas para registrar todo o processo de coleta.

## RESULTADO EM 24 HORAS

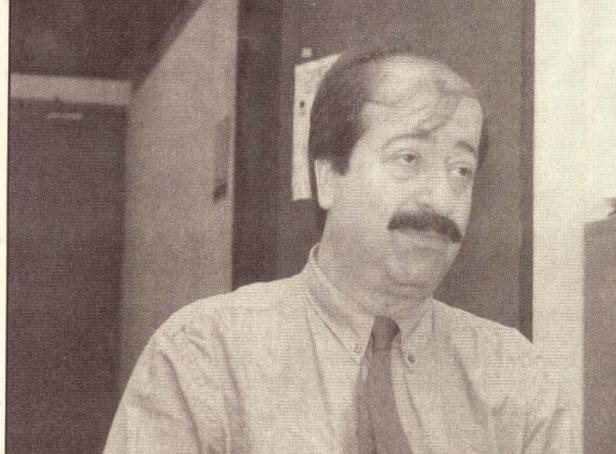
Todos os dias, são visitados cerca de 30 postos de combustíveis. Depois de recolhidas, as amostras são enviadas para o laboratório, onde é feita a análise dos produtos. Os resultados ficam prontos em 24 horas. Um relatório contendo todas as informações é enviado no final de cada mês à ANP. Caso o material analisado apresente problemas de adulteração, a informação é repassada imediatamente para a agência. "Nosso trabalho se restringe à coleta e à análise dos produtos. A fiscalização compete à ANP", diz Samios.

Para o Instituto, cumprir prazos contratuais tão rígidos não tem sido uma tarefa fácil. Segundo Samios, a Universidade com sua atual estrutura ainda tem algumas limitações, como o quadro de pessoal, por exemplo. Por isso, dar conta do volume de trabalho e da preparação do relatório mensal de todas as atividades exige esforço. Mesmo assim, o Instituto tem conseguido cumprir os prazos estabelecidos pelo contrato. O pagamento pelas atividades é feito mensalmente e chega pela Faurgs.

No primeiro ano, o montante arrecadado pelo Instituto foi de cerca de R\$ 600 mil. Destes, 70% foram utilizados para a criação e manutenção do laboratório e na aquisição contínua de novos equipamentos. Os outros 30% foram destinados às despesas de impostos e obrigações institucionais. "Criamos o primeiro laboratório das universidades federais que realiza esse tipo de pesquisa. E queremos transformá-lo em um espaço modelo para todo o Rio Grande do Sul", diz Samios.

Em pouco tempo, o trabalho ultrapassará as fronteiras da Universidade. O projeto Rede de Laboratórios Associados para a Pesquisa e Monitoramento da Qualidade de Combustíveis no Rio Grande do Sul, coordenado pelo diretor do Instituto e sua equipe, vai criar um sistema de laboratórios associados em forma de rede, com excelência técnico-científica, para a realização de pesquisas e avaliações da qualidade dos combustíveis.

A rede regional contará com a contribuição da equipe do Instituto de Informática e do Instituto de Química, que trabalharão em conjunto. Farão parte do grupo a Central Analítica do Instituto de Química da UFRGS, o Departamento de Química da Univer-



sidade Federal de Santa Maria (UFSM), o Departamento de Química da Universidade de Passo Fundo, o Departamento de Química Unijuí, de Ijuí e o Centro Federal de Educação e Tecnologia, de Pelotas (Cefet).

Os objetivos da criação da rede de laboratórios são a integração e automatização da rede regional do Rio Grande do Sul e a formulação de uma proposta-piloto para integração dos laboratórios associados à ANP em rede nacional, com a participação do Instituto de Informática da UFRGS. A Companhia Petroquímica do Sul (Copesul), futuro fornecedor de gasolina, também dará contribuição técnico-científica e colaboração financeira para a execução do projeto. Se um consumidor do interior do Estado tiver dúvidas sobre a qualidade do produto que está usando, poderá solicitar a análise.

## CURSOS E TREINAMENTOS

O treinamento e os cursos oferecidos para os co-executores terão como público-alvo, além dos professores e técnicos permanentes das instituições, os alunos de graduação do Instituto de Química e de pós-graduação. A preparação de professores e técnicos das cidades de Santa Maria, Pelotas, Ijuí e Passo Fundo acontecerá na primeira semana de novembro, no Instituto de Química. Samios promete qualificar os profissionais e deixá-los aptos a atuarem nessa área. "Queremos equipar os laboratórios dos parceiros no projeto para viabilizar os testes".

Os planos não param aí. A meta, para o primeiro semestre de 2002, é fornecer cursos de qualificação para os profissionais das mais diversas áreas, como Ministério Público, Justiça Federal, Instituto Geral de Perícias, Sindicato dos Distribuidores dos Combustíveis, prefeituras, companhias de transportes, Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) e outras agências relacionadas com o meio ambiente. "Vamos equipar os laboratórios dos parceiros no projeto para viabilizar os testes", garante Samios.

A gasolina ainda é o combustível que mais sofre alterações com produtos de baixa qualidade. Solventes, como tolueno, tiner, metanol e álcool anidro em excesso, entre outros, são as substâncias mais usadas pelos fraudadores.

Os prejuízos causados aos automóveis são muitos. A começar pela perda de potência do motor e a diminuição radical de seu tempo de vida, comprometendo também os acessórios. Por exemplo: um carro com capacidade para operar até 150 mil quilômetros pode ter sua vida útil reduzida para 20 mil quilômetros. Podem ocorrer prejuízos sérios, como a corrosão de tubos e mangueiras por onde corre o combustível ou, até mesmo, danos ao motor pela entrada de elementos estranhos na câmara de combustão.

"As conseqüências para o usuário e para o

país são grandes", avalia o professor. O álcool anidro é um dos componentes já encontrados na gasolina. A atual legislação estabelece que o percentual não pode ser inferior a 19% nem superior a 21%. Só que, como o preço do álcool anidro é bastante inferior ao da gasolina antes da mistura, os fraudadores usam percentuais superiores aos determinados em lei.

## ADEQUADO À REALIDADE

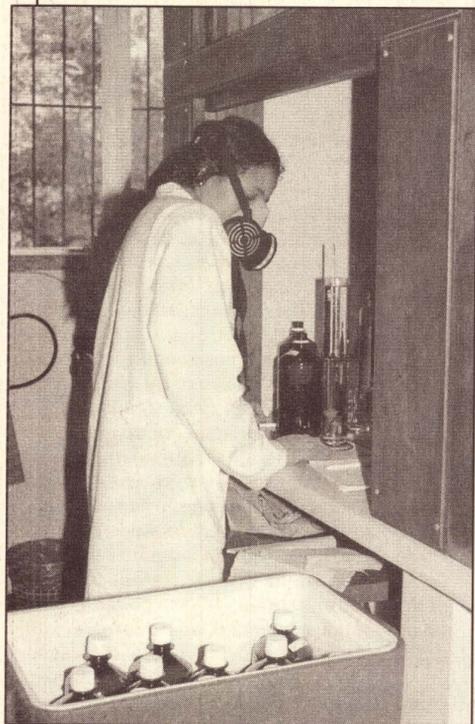
Além de danificar os carros e causar prejuízos econômicos ao País, a adulteração dos combustíveis compromete o meio ambiente. De acordo com Samios, a utilização de combustíveis de baixo custo está estritamente relacionada a um processamento ineficiente e a uma utilização incorreta que resulta numa rápida degradação dos materiais e da atmosfera. "A identificação da composição dos combustíveis quanto aos teores de enxofre, parafinas normais e ramificadas, aromáticos, olefinas e compostos de oxigenados permitirá a utilização correta dos processos e materiais, gerando um impacto ambiental. Estas ações permitirão adequar o uso de combustíveis à realidade local, com benefícios sociais e econômicos.

## EVOLUÇÃO

A qualificação do Instituto de Química da UFRGS em atividades de pesquisa, pós-graduação e extensão coincide com o grande desenvolvimento da área química do País, especialmente das refinarias e do pólo petroquímico do Sul. O fim dos anos 70 foram caracterizados pela grande demanda de recursos humanos qualificados e de apoio técnico-científico por parte das empresas do ramo petroquímico. No início dos anos 80, o Instituto de Química, buscando cumprir seu papel histórico de formação de excelentes profissionais, iniciou o Projeto Especial de Química, voltado para a qualificação de recursos humanos em áreas prioritárias de pesquisa em Química. Ao mesmo tempo, o Instituto recebeu grande apoio por meio do projeto Propet-Sul - Programa Petroquímico do Sul, com colaboração da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Pólo Petroquímico e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A contínua parceria entre o Instituto de Química e os setores de petróleo e petroquímica resultou em muitos ganhos para a Universidade. Entre eles, estão o aumento e a qualificação de professores. Em 1985, o Instituto contava com cinco doutores entre seus 72 docentes. Hoje, já são 70 doutores. Outro ganho foi a instalação de equipamentos para técnicas instrumentais avançadas. Houve especialização e formação de grupos de pesquisas registrados junto ao CNPq e uma consolidação do curso de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Além disso, comemoram-se a realização de vários projetos através de convênios financiados pelo setor produtivo resultaram no registro de patentes e uma importante produção técnico-científica, que colocam as instituições com os mais elevados índices de qualificação e produtividade. E mais: o registro de várias patentes em colaboração com o setor produtivo.

Para o professor Samios, o projeto não se restringe à apuração e à análise de produtos derivados de petróleo e álcool. Também compete à UFRGS qualificar os profissionais, desenvolver pesquisas e levar à sociedade os conhecimentos apurados. "A Universidade não pode se restringir ao caráter educacional. Ela deve também agilizar o processo sócio-econômico do País e ter responsabilidades com as questões ambientais", conclui o diretor do Instituto de Química. (CF)



**Laboratório de Qualidade de Combustíveis**

## ATUALIDADE

## “Solução final” para o problema palestino?

● FRANCISCO RÜDIGER

Doutor em Ciências Sociais (USP)  
Professor adjunto da Fabico (UFRGS)

*Se é odioso o atentado terrorista contra alvos civis, não o é menos o uso cotidiano de tanques, aviões e mísseis contra comunidades miseráveis e indefesas que ocupam territórios, que de direito lhes pertencem, e estão sendo tomados com violência*

Ariel Sharon declarou em recente comunicado, por ocasião dos preparativos norte-americanos para a intervenção no Afeganistão, que Israel não seria uma nova Tchecoslováquia (1938). Queria dizer com isso que seu país não seria sacrificado em nome de uma concertação internacional a favor de uma superpotência. Terrível ato falho desse criminoso de guerra que virou chefe de estado de um país democrático! Israel ocupa há mais de três décadas a Faixa de Gaza e a Cisjordânia com a mesma política e da mesma forma com que os nazistas, sob o beneplácito das potências ocidentais, ocuparam os Sudetos e, em seguida, toda a Tchecoslováquia.

Quem não se lembra, ou não conhece a história, que faça sua pesquisa e tome conhecimento dos horrores que se impuseram às populações eslavas da região. Então poderá ter noção das violências e opressão que os israelenses impõem às populações dos territórios ocupados. Que leia sobre o atentado que matou Heydrich, “Protetor do Reich no Estado (Itêre) da Boêmia e Morávia”, e aí terá melhores condições de avaliar os atos desesperados a que são levados um povo continuamente violentado e as retaliações de que são capazes seus algozes, quando têm os meios e ninguém se importa ou dispõe de recursos para proteger os mais fracos.

Segundo tudo indica, passou a melhor hora para a paz naquela região do mundo. Os Estados Unidos conseguiram criar mais um monstro que, como outros, antes, será muito difícil de controlar. Israel tem hoje não apenas uma das principais máquinas de guerra do mundo, como um arsenal nuclear invejável. Graças ao apoio militar e financeiro dos EUA, impôs-se politicamente a seus inimigos, desfrutando uma supremacia inquestionável no Oriente Médio. Explorados economicamente pelo Ocidente, dirigidos por oligarquias brutais, senão obscurantistas, vitimados por processos de modernização que, dadas as condições anteriores, só podiam fracassar, e entregues à franca regressão espiritual, os povos muçulmanos sucumbem em meio à barbárie tecnológica, como provam os homens-bomba palestinos e os atentados com *boeings* ao World Trade Center.

O governo Sharon em Israel pode ser sinal de que não é distinta a evolução a que se pode estar assistindo naquele país, a única democracia representativa do Oriente Médio. Chegou-se a tal nível de radicalização do processo político local que, à percepção da diplomacia internacional de que é preciso solucionar o problema palestino, corresponde uma opção do eleitorado israelense, estimulado por anos de maquiavelismo nacionalista, em favor do extremismo político, da política de conquista e do emprego do terrorismo de Estado.

## QUALQUER PRETEXTO

Aparentemente é muito pouco o que falta para se pôr em prática a “solução final do problema palestino”, à revelia do que pensam e podem fazer as potências ocidentais, bastando para isso qualquer pretexto ou os distúrbios que, por certo, ocorrerão em seguida à morte (natural ou não) de Yasser Arafat.

Qualquer um que não seja fanático e leia com olhar de historiador “O Estado Judeu” (1895), de Herzl, verá nele uma expressão tardia do nacionalismo do final do século XIX. O contexto de fundo e as motivações ideológicas não diferem das válidas para o pan-germanismo, do pan-eslavismo, do pan-arabismo e outros movimentos que surgiram no período e nos quais a pretendida causa nacional servia de pretexto para o expansionismo imperialista dos grupos poderosos, a exploração de oportunidades econômicas e a submissão de povos mais fracos e atrasados socialmente.

Quem conhece a história moderna sabe que a criação do estado judeu não foi obra apenas da correção arbitrária de uma injustiça histórica e da absolvição da má consciência ocidental no Pós-Guerra. O patrocínio do poder imperialista e seus interesses geopolíticos, a atuação de *lobbies* fortíssimos e a organização financeira do movimento sionista pesaram tanto ou mais quanto esses fatores sem que, em nenhum momento, tenham sido levados em conta seriamente os interesses da população nativa, esmagadoramente muçulmana, da Palestina.

Chomsky relata que não faltaram pessoas bem intencionadas, de espírito livre, que sonharam com a criação de um estado laico binacional, fundado em princípios de solidari-



Menino palestino encontra tanque israelense no caminho da escola

idade econômica e ideais socialistas. Inclusive, depois que essas vozes silenciaram, em 1947, houve esperança de que Israel viesse a representar um elemento promotor de civilização no Oriente Médio. Ainda hoje sabe-se que isso não é algo que se possa esperar dos países árabes, em franca estagnação desde sua submissão ao Império Otomano e, séculos mais tarde, aos seus sucessores do Ocidente.

A circunstância de ser o único país internamente democrático da região e de, virtualmente, encarnar os valores do esclarecimento progressista, não pôde ser e, hoje, não é mais usada a favor dessa possibilidade, devido à pressão externa de que foi vítima mas, também - e isso é importante - devido às forças imperialistas que terminaram por se impor ao projeto de criação do seu estado nacional.

Conforme observa Canetti, também ali o nacionalismo ratificou sua condição de ópio dos povos. O triunfo sobre os inimigos externos retrógrados foi acompanhado da consolidação de uma mentalidade arrogante, sustentada, armada e estimulada pelo bloco ocidental, que, primeiro, tornou nacional o espírito socialista dos pioneiros e, depois da vitória na Guerra dos Seis Dias (1967), converteu-se em expansionismo político, étnico e militar, gerador de uma gigantesca desestabilização política e social nos estados muçulmanos de todo o Oriente.

## POLÍTICA DE PODER

Quem puder e quiser entender as atividades terroristas existentes na região, sem maniqueísmo, deve ler sobre a maneira como os sionistas pressionaram a saída dos ingleses e dos árabes que ocupavam as terras destinadas a Israel nos planos da Partilha de 1947, até como surgiram os grupos radicais muçulmanos como o Jihad e o Hezbollah. Ver-se-á em todos esses casos, sobretudo nos últimos, não apenas o extremismo vazio, primitivo e inconseqüente da política árabe, principalmente dos estados oligárquicos que a sustentam, mas os efeitos da política de poder levada a cabo pelo Estado de Israel.

Porém, deixemos de lado a análise desse ponto e detenhamo-nos na tragédia humana que vitima neste momento o povo palestino, não porque esse povo seja melhor ou pior do que qualquer outro, ou porque seus inimigos não tenham suas razões. Então, verifica-se que os simpatizantes da causa israelense são, neste momento, os inimigos da causa da humanidade, porque só se identificam com essa os que tomam o partido contra o agressor e, desde longo tempo, ali o agressor tem sido Israel.

Afirmamos serem os palestinos todos homens bons e de paz? Não, porque, como dito, não há povos bons ou maus, se deixarmos de lado a visão simplória do caipira semiletrado que ocupa o assento da Casa Branca. Qualidades como essas aplicam-se a pessoas, sem distinção de credo, cor ou etnia. A selvageria supostamente intrínseca aos muçulmanos, que nos sugerem imagens de televisão, é uma reação que qualquer povo mostrará, sempre que submetido a uma opressão despótica e cotidiana como a que é enfrentada, há décadas, pelo povo palestino perante o invasor israelense. Nisso eles não se mostram como bons ou maus, mas como seres humanos que lutam e resistem como podem, e não como gostariam porque, se é odioso o atentado terrorista contra alvos civis, não o é menos o uso cotidiano de tanques, aviões e mísseis contra comunidades miseráveis e indefesas, que ocupam territórios que de direito lhes pertencem e estão sendo tomados com violência.

## TRATAMENTO INDIGNO

Apenas às massas despolitizadas de todo o mundo passa despercebido o sentido espoliativo de que a política de colonização israelense nos territórios ocupados se reveste. Israel não só é fruto da política imperialista como é o último país a praticá-la abertamente, sem vergonha, diante da comunidade internacional. Ninguém esconde, ao falar do assunto, que se trata de colonialismo com objetivo de conquista territorial, dadas as características dos assentamentos e os sofrimentos inauditos que impõe à população palestina. Qualquer um que se interesse em procurar informação, ficará chocado, se conserva algum resquício de humanitarismo, com o contraste entre as colônias israelenses na margem ocidental do Jordão e as favelas miseráveis onde se apinham dezenas de milhares de seres humanos, vivendo com recursos racionados policialmente, inclusive a água, tendo de enfrentar todo o tipo de humilhação e recebendo tratamento indigno do homem pelas autoridades militares israelenses.

Espera-se o que neste contexto? Que os párias locais amem o povo judeu? Talvez sejam levados a pedir por suas vidas ou esmolar perante a autoridade de ocupação, antes de perderem mais bens e propriedades. Atualmente é impossível ver como uma reação construtiva poderia vir do mundo árabe, o que só agrava a posição israelense, na medida em que só dela se pode esperar alguma saída política pacífica e irradiadora de benefícios para toda a região. Desde o princípio, os regimes políticos dos países árabes temeram e exploraram o temor não apenas do invasor das terras pertencentes de direito a seu povo mas também o potencial emancipatório que ele trazia. Agora, porém, tudo isso, parece ter se esfumado e os agentes do esclarecimento, por maior que fosse sua ambigüidade, converteram-se em tiranos militares.

Já em 1960, Max Horkheimer percebera que muitos métodos do estado judeu lembravam os utilizados pelo anti-semitismo, no qual ninguém sofrera tanto quanto os próprios judeus e que só a situação internacional permitira o seu emprego. Zygmunt Bauman forneceu uma explicação cultural para tanto. Para ele, o Holocausto se tornou, não apenas parte da memória de sofrimento do povo judeu, mas uma experiência de aprendizado da qual lançam mão os exércitos israelenses de ocupação das terras árabes.

## MEMÓRIA DO EXTERMÍNIO

As deportações em massa, prisões arbitrárias, espoliações de recursos, humilhações cotidianas e, finalmente, liquidação de populações civis com armamento pesado, conhecidas durante o extermínio dos judeus europeus, acabaram sendo conservadas na memória das gerações que a elas sobreviveram como meios eficazes de obter resultados, ao invés de servirem à uma reflexão emancipatória, através da qual talvez se pudesse buscar mais justiça para todos, sem distinção de bandeiras.

Israel jamais cogitou de anexar os territórios conquistados *manu militari* por um só ato, apenas para respeitar uma resolução da ONU. Deseja se apossar dessas terras aos poucos porque, só assim, sabem muito bem seus estrategas, pode-se evitar o ônus de ter de conceder cidadania às massas árabes. Fosse o inimigo menos articulado e não tivesse a sustentação que lhe fornece o bloco muçulmano, ouvido apenas porque fornece petróleo e possui investimentos no Ocidente, já o teria feito, porque ninguém que conhece a política duvida de quantas vezes, nas reuniões do gabinete ministerial israelense,

já se discutiu a “solução final do problema palestino”. Pretende-se conquistar as terras que vão sendo colonizadas a ferro, fogo e sangue ao estilo *afrikaner*, acenando, como falam seus ideólogos, com a criação de “bantustões”.

*Apartheid* sem doutrina racista, Israel já estabeleceu há muito tempo: segrega a população hostil em territórios submetidos a condições de vida miseráveis, controlados militarmente, mas que, todavia, constituem-se em reservas que, sempre que preciso, fornecem mão-de-obra barata e sem direitos sociais e trabalhistas. A aplicação de práticas execráveis como o confisco de terras, a destruição de plantações, a tortura policial e o assassinato planejado pelo estado foi tirada, como dito, das lições sofridas no passado. Novidade é o emprego de uma violência que nem o regime racista sul-africano ousou lançar mão em seu tempo: os bombardeios aéreos a populações civis e o canhoneio de bairros populares. No que, porém, repete-se o ciclo da infâmia: não foi outra a experiência dos judeus massacrados no Gueto de Varsóvia.

## A HORA DECISIVA

Alberto Dines, como outros, condenaria proposições como essa, da mesma forma que condenou os que compararam o atentado ao World Trade Center com os episódios do Oriente Médio. Afirma que nenhum morticínio pode ser relativizado. De acordo! Assim sendo, porém, que isso valha como máxima universal: que a vida de um americano seja vista como portadora de tanto valor quanto a de um ruandense, que a vida de uma criança palestina valha tanto quanto a de uma criança judia. No Oriente Médio precisam morrer trinta muçulmanos para merecer a mesma cobertura dada à perda de uma vida judaica. Não se trata, portanto, de relativismo! O problema remete às políticas de estado, aos valores humanos, aos interesses mais poderosos e à falta universal de verdadeiro humanitarismo. Ativistas muçulmanos enlouquecidos explodem uma bomba em sorveteria, deixando uma dezena de mortos: isso é matéria de reportagem. A brutalidade cotidiana e a espoliação a que todo um povo está submetido por mais de trinta anos não rende boas imagens e assim fica de fora do noticiário.

Queremos saber o que Israel faz de bom às populações, cuja cabeça pisa com o salto das suas botas. Havendo, por que há cada vez mais ódio aos invasores e ao regime que impuseram na região? Passados mais de trinta anos, cresceu ali toda uma geração que se acostumou a ser brutalizada, tratada como se tratam os cães raivosos. Esperava-se o que dessa gente: civilidade, comedimento, espírito de conciliação?

Deixemos isso para os pobres de espírito e os mal-intencionados. Choca ver que em meio à cursal do inferno que é, para os palestinos, a Faixa de Gaza, há cenários paradisíacos, desfrutados apenas por judeus, formados por núcleos residenciais com salões de festa, piscinas e quadras de esportes, cujo acesso se dá por rodovias seguras e bem pavimentadas.

Encontram-se em situações como essas, muito mais do que no espírito fanatizado do muçulmano, as raízes do radicalismo político do povo palestino, da obstinação com que crianças muito pequenas vão às ruas, com pedras e estilingues, desafiar os soldados do exército israelense armados até os dentes e com a autorização para atirar para matar. Hoje em dia, ninguém mais consegue ser fanático por muito tempo ou só porque deseja: o homem comum é empurrado a tal situação por uma constelação de fatores objetivos, a cujas forças responsáveis, todavia, agrada demonizar, reduzindo-a à irracionalidade.

Israel era, senão a única, ao menos uma das forças cujo exemplo moral de tantos de seus cidadãos e compatriotas poderia, em tese, renovar a paisagem atrasada do Oriente Médio. Convertem-se, com o tempo e em função das circunstâncias geopolíticas mundiais, mas não só, em estado que, excetuando a doutrina racial (na qual só uns poucos acreditavam), em nada mais se distingue do que vigorava na África do Sul do *apartheid*.

Temos, por tudo isso, razões para esperar para não muito tempo a decisão de aplicar em relação aos palestinos, a exemplo do que tentaram os nazistas com o povo judeu, um tipo de solução final, na medida em que todas as premissas estão dadas, desde a covardia moral das grandes potências até o confinamento das populações em guetos miseráveis, cercados por uma colossal máquina de destruição coletiva: é sobre isso que os que procuram o bem precisam meditar nessa hora decisiva para todo um povo do Oriente Médio.

# Carbúnculo agora é antraz, e assusta

●CARLA FELTEN  
Jornalista

De um dia para outro, uma bactéria já bem conhecida no meio rural passou a ganhar fama e importância nos centros urbanos. Mais do que isso, virou motivo de temor. O antraz, mais conhecido nas pequenas localidades como carbúnculo, virou assunto nas ruas, bares, ambientes de trabalho e gabinetes de políticos. Os setores de saúde correm na frente para lançar mão de meios de combate ao que parece ser uma nova praga, enquanto a população procura se informar o quanto pode sobre a bactéria.

O medo de uma eventual contaminação vem tirando o sono de muita gente pelo mundo afora. Tudo começou nos Estados Unidos, quando três funcionários da editora American Media, em Boca Ratón, Flórida, foram contaminados pelo bacilo, enviado em uma carta contendo pó branco. Um deles, o editor de fotografia do jornal sensacionalista The Sun, Robert Stevens, 63 anos, morreu. Os outros dois, o responsável pela correspondência, Ernesto Blanco, 73 anos, e uma mulher de 35 anos, sobreviveram.

O material foi encontrado no teclado do com-

putador de Stevens. Os três foram contaminados por via respiratória. O escritório da Microsoft em Reno, Nevada, também recebeu uma correspondência. Erin O'Connor, 38 anos, assistente do âncora Tom Brokaw, da rede de TV NBC, em Nova York, contraiu antraz pela pele.

A bactéria chegou também ao senado norte-americano, em Washington. O líder, Thomas Daschle, recebeu uma correspondência trazendo a bactéria misturada com um pó branco. A carta falava de Alá e ameaçava os Estados Unidos e Israel.

Em poucos dias, cerca de 40 pessoas foram contaminadas. Vestígios do antraz foram encontrados no sistema de ventilação e de correspondência do Senado dos Estados Unidos. Em Nova York, o governador Jorge Pataqui informou que foi encontrado antraz em seu gabinete. A carta suspeita, contendo o pó branco, chegou no dia 25 de setembro. Em New Jersey, dois carteiros foram infectados.

O primeiro caso fora dos Estados Unidos ocorreu no Quênia. Quatro pessoas de uma mesma família foram expostas à bactéria. O segundo foi na Argentina. No resto do mundo, pipocam cartas transportando o pó. A maioria, até agora, tem ficado como alarme falso.

## Pânico é maior que o perigo

Para o professor Paulo Michel Roehle, do Centro de Microbiologia do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) da UFRGS, a situação não é tão grave quanto parece. "O pânico que o antraz está causando é muito maior que o poder patogênico do organismo em si", sustenta. "A começar pelas estatísticas: se comparado com o número de habitantes nos Estados Unidos - cerca de 270 milhões - o número de infectados é muito pequeno. E até agora, pouquíssimas pessoas morreram."

Na opinião da professora Gertrudes Corção, do Centro de Microbiologia, a morte do editor tem dois indicativos. Primeiro, Stevens tinha 63 anos. Segundo, devia estar com a imunologia baixa. "Outras pessoas contraíram o antraz e estão respondendo bem ao tratamento", compara.

Para o professor do Departamento de Política da UFRGS Eduardo Pedro Corsetti, o antraz não tem todo esse poder destrutivo que lhe vem sendo atribuído. Corsetti acredita que o medo das pessoas é maior que o efeito da bactéria. "O antraz envolve um comportamento social, vinculado à psicologia das pessoas. É evidente que este método não tem como objetivo destruir toda a população americana." Corsetti lembra que os recursos financeiros disponíveis aos Estados Unidos são muito grandes, assim como a capacidade de controle de doenças. "Só se pode pensar na destruição em massa nos países mais pobres. Por exemplo: o Iraque, no início dos anos 90, usou o antraz para exterminar minorias étnicas situadas numa região de fronteira. Foi eliminado um grande número de pessoas", lembra.

### VACINA E CONTAMINAÇÃO

O antraz é uma doença infecciosa aguda causada pelo esporo do *Bacillus anthracis*, muito conhecido em medicina veterinária. No Brasil, o último caso foi registrado há cerca de 15 anos, pelo Laboratório do Centro de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor, da UFRGS, em Eldorado do Sul. "Ninguém se arrisca mais a não vacinar o

gado, até porque a vacina é muito barata", garante Roehle. Quando um animal morre, os produtores tomam alguns cuidados. Ele é enterrado em uma vala com cal, que isola a área e evita a contaminação do pasto. Segundo especialistas, a bactéria é capaz de sobreviver por muitos anos, mesmo soterrada.

Há três formas de contaminação no ser humano: a cutânea, a intestinal e a pulmonar, considerada a mais grave. Neste caso, quando inalada, a bactéria se instala nos pulmões e pode levar à morte. Por isso, a contaminação pelas vias respiratórias é a forma preferida pelos terroristas. Mas, se diagnosticada a tempo, o antraz é tratável e tem cura. "Como arma biológica, o antraz é ineficaz. A única vantagem para os terroristas é que sua produção para este fim requer baixa tecnologia e sua manipulação é barata", afirma Roehle.

Bactérias são mais fáceis de cultivar que vírus. Elas não necessitam de cultivos celulares (células vivas) para se multiplicarem em meios simples. Para produzir o antraz, basta uma fonte de carbono, uma de hidrogênio, uma de oxigênio e um substrato para suporte da bactéria - espécie de gelatina. Segundo Roehle, hoje qualquer laboratório de bacteriologia consegue multiplicar o antraz. Mesmo assim, o seu poder, comparado ao de outras bactérias e vírus, é limitado. "Como arma de terror e indução ao pânico, está funcionando muito bem, mas como causador de doença, não. A mortalidade é muito reduzida", diz.

### FORMAS DE CONTÁGIO

O antraz pode ser contraído através de três formas de infecção: cutânea, intestinal e pulmonar. O primeiro caso ocorre quando a bactéria entra em um corte ou abrasão na pele. A infecção começa com um inchaço e uma "feridinha" que se assemelha a uma espinha. Em dois dias, se desenvolve uma vesícula (bolha), que se transforma em úlcera. Se não for tratada, pode ocasionar a perda de membros ou levar à morte.

A infecção intestinal se dá quando

a pessoa ingere carne contaminada, ocorrendo uma inflamação aguda no intestino. Os sintomas são náusea, vômitos, perda de apetite que evoluem para dor abdominal, vômitos com sangue e diarreia. As mortes variam entre 25% e 60% das pessoas infectadas.

Na infecção pulmonar os primeiros sintomas se assemelham aos de um resfriado comum, entre o segundo e o sexto dias depois da contaminação. A partir do oitavo dia, a pessoa sente dificuldade para respirar, tem suor intenso e a pele fica azulada. É a forma mais perigosa do antraz, porque é difícil de ser diagnosticada. A morte se dá pelas falências respiratória e cardíaca.

Em todos os casos, o tratamento é feito com o uso do antibiótico Cipro. A prevenção pode ser feita com vacina, mas ela ainda não está disponível no Brasil. A recomendação de médicos é que a pessoa que tenha sido supostamente exposta ao antraz e apresente sintomas de contaminação, entre eles, os da gripe - deve procurar atendimento o mais rápido possível.

### ARMA INEFICAZ

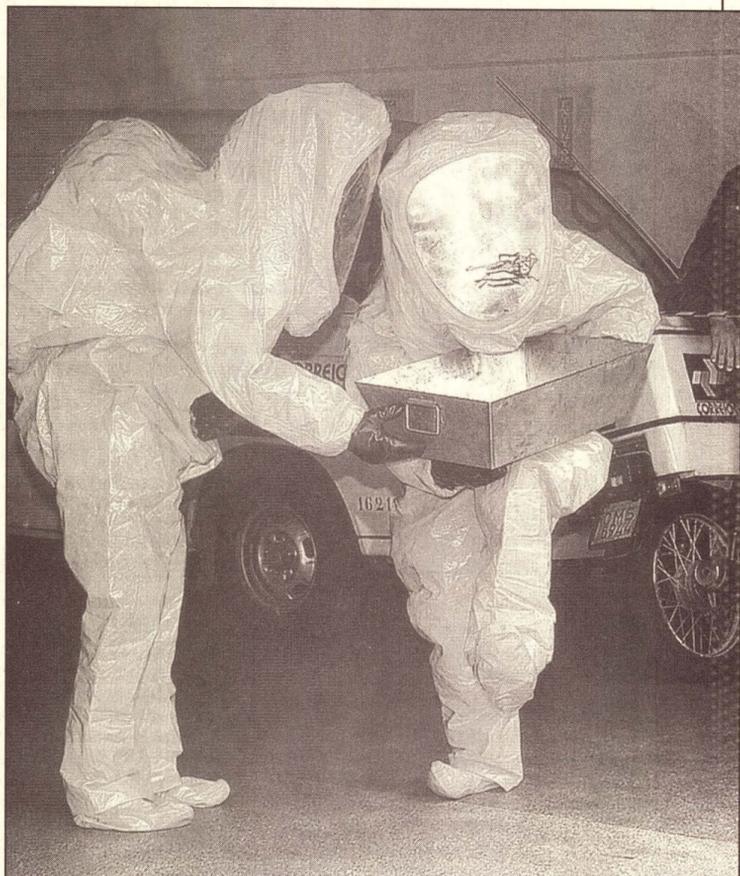
Diferente dos vírus, o antraz não é contagioso. No meio ambiente, a bactéria não tem como se multiplicar. Por isso, numa guerra biológica os vírus são muito mais potentes e devastadores. Em 1918, a gripe matou muito mais alemães e aliados que a própria guerra, embora não tenha sido premeditada. Num ambiente militar, o antraz seria ineficiente para contaminar um exército. Já o ebola, por exemplo, é um vírus contagioso e potente, capaz de levar uma pessoa à morte em 24 horas. A varíola é outro exemplo. "É mais infecciosa e poderia ser espalhada num exército com facilidade", diz Roehle. Os Estados Unidos sabem disso e já estão sendo providenciadas 300 milhões de doses de vacinas contra a varíola.

O antraz se espalha mais facilmente em ambientes fechados, como numa central de ar-condicionado. No senado norte-americano, pode ter ocorrido assim a contaminação dos funcionários. Logo, como arma biológica, tem a desvantagem de ficar restrito a um determinado local. A professora Gertrudes, do Centro de Microbiologia da UFRGS, afirma que, mesmo diante de um atentado dessa natureza, as pessoas não devem entrar em pânico. "Basta ter conhecimento dos sintomas, procurar atendimento médico e tomar o antibiótico indicado."

Nos Estados Unidos, a população está correndo às farmácias em busca do Cipro, o único medicamento usado para combater a doença, produzido pela multinacional Bayer. Mas tomar o antibiótico sem ter a doença não produz efeito, já que ele não funciona como vacina. Além disso, o organismo acaba eliminando o medicamento.

Os brasileiros também convivem com a apreensão. No dia 14 de outubro, uma quantidade de pó suspeito foi encontrada em um avião da Lufthansa que partiu de Frankfurt. A Polícia Federal vistoriou o aparelho, que ficou retido no Aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro, a pedido do governo dos Estados Unidos. Outro caso ocorreu dia 17, no voo 2416, da Varig, na ponte aérea Rio-São Paulo.

O governo adotou várias medidas de segurança. As gerências de portos, aeroportos e fronteiras da Agência Nacional de Vigilância Sanitária vão traçar um plano de emergência para aumentar a atenção em aeroportos e correios. Inicialmente, a atuação será maior nos aeródromos do Rio de Janeiro e de São Paulo.



Bombeiros de São Paulo isolam correspondência

## Ênfase dada à guerra distorce comportamentos

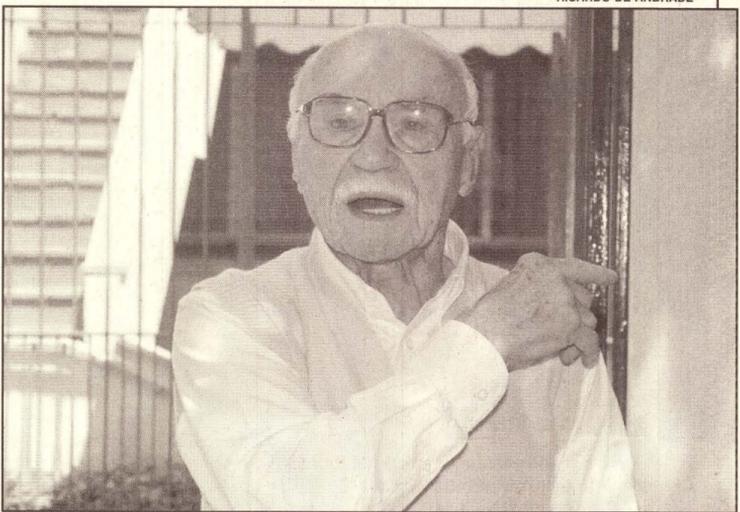
Em todo o Brasil surgem suspeitas de contaminação por antraz. Só em Porto Alegre, o Corpo de Bombeiros registrou 17 ocorrências até agora. Segundo o cientista político Eduardo Corsetti, quando há uma tensão intensa como a que está acontecendo agora, abre-se margem para comportamentos distorcidos. "Estas pessoas que estão enviando envelopes com pó branco como troféu estão querendo tirar vantagem do medo alheio. Elas passam a ter o mesmo comportamento de um terrorista", diz.

Para Corsetti, a imprensa brasileira está pecando pelo excesso. As notícias da guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão e dos atentados biológicos estão sendo dadas com muito mais ênfase do que as notícias nacionais. "Esses fatos não são um problema prioritário para o Brasil", acredita. Na sua opinião, a imprensa deveria ter mais prudência e responsabilidade ao divulgar as informações e evitando passar insegurança ao público. "A imagem que se projetou é a de que qualquer pessoa pode ser contaminada. Mas o cenário não é esse. É muito mais fácil o brasileiro ser contaminado pela dengue do que pelo antraz."

O psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da UFRGS José Luiz Caon vai mais longe. Acusa a imprensa brasileira de "sensacionalista" e afirma que as pessoas estão usando o antraz como uma válvula de escape para problemas maiores. "No Brasil, a fome, o desemprego, a violência e a doença são situações muito mais presentes e estressantes do que os atentados biológicos. O terrorismo é o palco que a imprensa está usando para que o povo desabafe e esqueça dos seus problemas reais."

O novo perfil do terrorista é o que preocupa Caon. Ele o descreve como "jovem de classe média, com bom grau de instrução, que opta pela morte em nome de um heroísmo muito particular". Caon associa este tipo de comportamento a uma célula cancerosa que precisa ser estirpada. "Nem a pesquisa psicanalítica, nem a sociológica ou a filosófica têm uma resposta para isso. Temos que parar e repensar. Esta situação é muito mais grave que um problema militar."

RICARDO DE ANDRADE



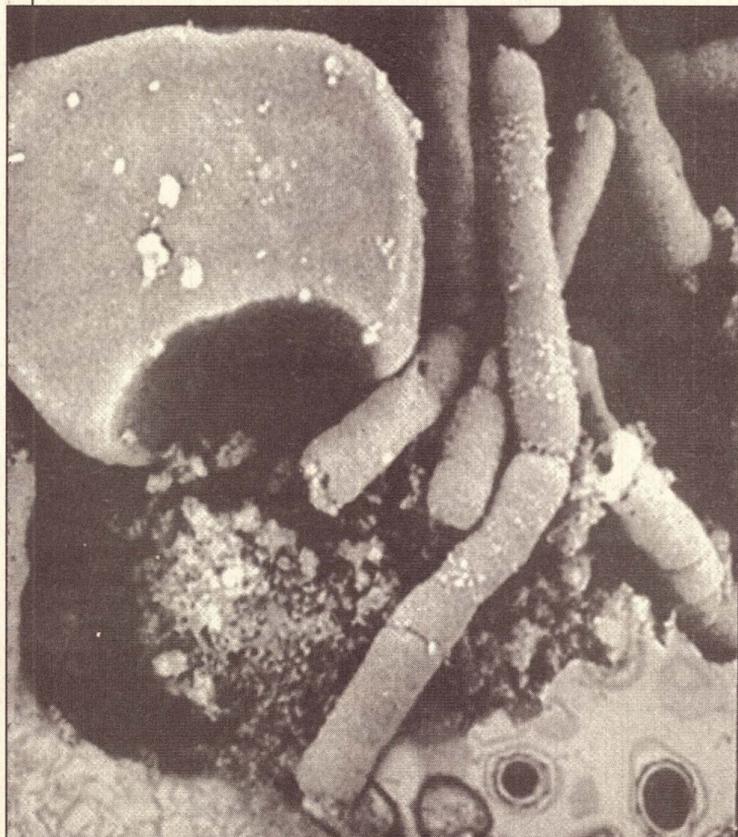
Frederico Lieberknecht

## Professor da Veterinária escapou da doença

Ex-presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária e professor aposentado da UFRGS Frederico Lieberknecht contraiu antraz por via cutânea em 1944 e curou-se. Naquela época, não existiam antibióticos nem vacina para combater a doença em seres humanos. A contaminação aconteceu num sábado, durante o trabalho. Lieberknecht estava injetando uma dose do bacilo em um cavalo, para produzir anticorpos, quando o animal se assustou. "Tomei um banho da cultura do bacilo no rosto e nos braços. Minha preocupação imediata foi desinfetar as partes atingidas. Em seguida, voltei ao trabalho."

Horas depois, quando estava fazendo sangria em outro cavalo, o professor sentiu uma picada de mosca no braço esquerdo. "Vi sair da minha pele uma gota igual ao líquido que eu havia injetado no cavalo. Neste momento, percebi que estava contaminado", recorda. No outro dia, logo de manhã, os sintomas confirmavam as suspeitas de Lieberknecht. O braço tinha uma pústula (elevação da epiderme que contém pus), a mão estava inchada e um vergão indicava infecção. "Fiz uma cauterização e tomei o soro anticarbúnculo para uso veterinário". Em função disso, teve uma reação alérgica, seguida de febre alta.

Mesmo assim, decidiu se casar uma semana depois. "Saí do casamento direto para o hospital." Lieberknecht passou a receber penicilina, via subcutânea, de três em três horas, e a infecção cedeu. "Foi a penicilina que me salvou", conta. Hoje, ele acompanha as notícias sobre os atentados biológicos e acha que está havendo exagero. "Considero um pouco de irresponsabilidade. O antraz não se espalha assim como estão dizendo."



A bactéria tem a forma de bastonete

EVANDO MIRRA

“O que se quer é gestão compartilhada em ciência e tecnologia”

Uma nova instância para o planejamento estratégico, acompanhamento e avaliação de investimentos em ciência e tecnologia começa a entrar em cena no país. Fundado durante a realização da recente Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em setembro, em Brasília, o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) será constituído por uma ampla representação de atores envolvidos no processo - comunidade científica, setor empresarial, agências governamentais. Tem como seu primeiro presidente o mineiro Evando Mirra, que deixou a direção do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para se dedicar à delicada missão de construir esse espaço de interlocução e ressonância, fundamental no processo de racionalização das decisões sobre o destino dos novos recursos trazidos ao setor pelos fundos setoriais. Em rápida passagem por Porto Alegre, no dia 18 de outubro, para participar de sessão solene em homenagem aos 50 anos do CNPq, na Assembleia Legislativa, Evando Mirra concedeu esta entrevista à jornalista Arlete R. de Oliveira Kempf, do Jornal da Universidade, e ao pró-reitor de Pesquisa da UFRGS, Carlos Alexandre Netto.

Jornal da Universidade - Como surgiu a idéia de criação do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos?

geração de emprego, de formas de se tornar a vida mais rica e mais interessante.

de uma forma absolutamente clara e luminosa, nosso despreparo para fazermos face a essa nova situação.

Evando Mirra - A idéia e a necessidade de criação desse Centro surgiu primeiro ao longo de um esforço nacional, um esforço coletivo de criação dos fundos setoriais. A idéia de criação dos fundos setoriais era motivada, em primeiro lugar, pela necessidade de trazer um volume maior de recursos para o custeio da pesquisa. Mas nós queríamos algumas outras coisas nesse processo. Em primeiro lugar, uma forma que ajudasse a captar recursos e desse a eles mais estabilidade. Historicamente, no país, nós sofremos tanto com o volume de recursos insuficientes para ciência e tecnologia, quanto pela instabilidade de repasse desses recursos. Nós queríamos agregar mais recursos e procurar fazê-lo de uma forma mais estável. E além disso, nós queríamos um processo que envolvesse mais os segmentos da sociedade, em especial aqueles mais diretamente associados à questão de ciência e tecnologia. A origem do centro está associada a isso.

JU - E isso aconteceu por quê?

Mirra - No fundo talvez essas duas coisas não sejam independentes. Quer dizer, a própria dificuldade de se fazer com que se consiga um aporte maior de recursos talvez esteja relacionada também com a pouca compreensão que foi possível construir de todo esse embate. De tal forma que a nossa preocupação ao tentar construir essa nova forma de agregar recursos era indissociável desse esforço no comprometimento maior da sociedade brasileira com todas as etapas do processo, desde a gestão do empreendimento à tomada de decisão em todos os níveis e finalmente à locação de recursos e à apropriação dos resultados de pesquisa.

JU - Como foi desenvolvido esse processo em relação aos fundos setoriais?

Mirra - Foi um esforço mútuo, de caravana pelo país, que contou, em primeiro lugar, com a compreensão das universidades e dos reitores - as universidades foram parceiras desde o primeiro momento. Nós nos reunimos várias vezes, em especial nos encontros organizados pela Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior). Tivemos um trabalho constante com os reitores, com os pró-reitores de pesquisa e pós-graduação, que são os parceiros imediatos e também aqueles com quem vamos construir diretamente estratégias de agora na gestão do Centro. Mantive encontro com 40 sociedades científicas e fiz várias reuniões com a SBPC e a Academia Brasileira de Ciências (foram três grandes reuniões, além de outros contatos, para discussões preliminares). O ministro Sardenberg foi incansável nesse processo. Ele organizou cafés da manhã, primeiro com os deputados e senadores - foram 40 cafés da manhã. Reuniu-se com empresários em Brasília, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas. Estive em várias associações profissionais, no Instituto Brasileiro de Siderurgia, na Agência Nacional de Energia Elétrica, Agência Nacional do Petróleo, enfim, com todos esses atores.

JU - E o que resultou de todos esses contatos?

Mirra - O que foi ficando claro para a gente é que talvez aquilo que nós estávamos fazendo como um evento, como um acontecimento, como uma estratégia de luta, talvez devesse ser feito de forma permanente. Talvez fosse necessário que a gente criasse um foro, um espaço permanente de interlocução com esse leque enorme que envolve secretários de Ciência e Tecnologia, as fundações de amparo à pesquisa, as universidades, tanto através dos reitores, como dos pró-reitores de pós-graduação e de pesquisa, os pesquisadores (organizados das mais diversas maneiras, pela Academia Brasileira de Ciências, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, pelas sociedades científicas), as sociedades tecnológicas como a Associação Brasileira das Indústrias de Pesquisa Tecnológica (ABIPT), a Associação Nacional de Entidades de Tecnologias Avançadas (Anprotec), a Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpe), os setores políticos, todos esses atores do sistema. É claro que esse espaço poderia ser um espaço já existente. Poderia ser feito pelo próprio Ministério de Ciência e Tecnologia ou outros. Mas talvez houvesse vantagens em ter um novo ator no sistema que não tivesse a missão de executar o fomento, de fazer a pesquisa, e que fosse encarregado especificamente de conseguir esse espaço. A segunda grande vertente dentro da qual foi se criando a idéia de que o Centro poderia ser uma estratégia importante foi a entrada em cena dos primeiros fundos. Ora, desde o início, à medida que a estratégia ia dando resultado, nós percebíamos que havia grandes méritos nos fundos, pelo fato de trazer recursos para o sistema, mas essas primeiras experiências mostraram,

JU - O senhor poderia explicitar isso melhor?

Mirra - No momento em que uma agência faz a alocação de recursos, dentro de sua lógica, ela goza de uma certa soberania. Conquistado um orçamento, preservado um certo valor, ela opera segundo a sua cultura, segundo as suas regras, dentro de um espaço de relativa soberania. Nesse caso, nesse novo espaço de interlocução, agência e os agentes têm de renunciar a isso. Eles têm que estar dispostos a acolher ali outras lógicas, a expressão de outras necessidades que não as suas exclusivamente. Os primeiros estudos mostraram que a gente não conhecia ainda esses parceiros. A forma de conhecer a avaliação dos projetos, por exemplo, ela é muito distinta. Uma agência como o CNPq tem toda uma história riquíssima de construção de critérios rigorosos, severos para examinar a qualidade dos projetos. Nós desenvolvemos uma forma excelente, rigorosa, cuidadosa, de padrão internacional de avaliação da qualidade, embora a gente não tenha tido o mesmo sucesso, ainda, em formas de avaliação da relevância. É óbvio que é preciso conjugar esses fatores. O que o exercício dos primeiros fundos mostrou foi isso. É preciso explicar o seguinte: todo o fundo tem uma forma de gestão que é colegiada. Cada fundo é administrado a partir de um comitê gestor no qual estão representado Ministério de Ciência e Tecnologia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Financiadora de Estudos e Projetos, o ministério de tutela daquela área que gera esses recursos, as entidades que congregam os setores empresariais da comunidade científica, através de uma escolha feita a partir de indicações feitas pela SBPC e Academia Brasileira de Ciências. Os atores centrais no processo já estão ali envolvidos, mas chegou a esse fórum com hábitos, culturas e itinerários muito distintos. Em especial, porque no país não se fez ainda esse caldo cultural que torne permanente a convivência desses parceiros em interlocução, em saudável divergência, na construção de convergências e protocolos. Isso ficou muito claro. Não é surpreendente. Temos pouca experiência disso.

JU - Há alguma explicação para essas dificuldades de convivência entre esses diversos setores?

Mirra - Em realidade, o país operou uma situação que é única no mundo, não tem similar em nenhum outro país do planeta. É o fato de ter construído um parque científico de altíssima competência, que apesar de todas as dificuldades históricas de construção, progrediu a uma velocidade cada vez maior. Um país que há 50 anos não estava no mapa internacional do conhecimento, que 40 anos atrás não estava entre os maiores produtores de conhecimento, que 30 anos atrás estava abaixo do 30, agora está em 17º lugar em volume de produção classificada internacionalmente como elite. É um país que não formava doutores, que pela primeira vez, em 1990, ultrapassou mil doutores formados e está formando seis mil doutores agora, colocando-se próximo do Canadá e Itália, em capacidade de formação de pessoal de alto nível. Um indicador do crescimento da comunidade científica, da transformação do empreendimento científico é a presença no cenário internacional de cientistas brasileiros, cada vez mais frequente, nos comitês editoriais das melhores revistas do mundo, na direção das associações científicas internacionais. Isso já é um fato e isso continua a se desenvolver. Esse é um lado da história. O outro lado é que o Brasil tem sido consistentemente, ao longo dos últimos 30 anos, um dos dez países do mundo com o volume de produção industrial tecnológica mais importante. A novidade sem similar, sem precedente, é que, no Brasil, esses foram dois sistemas essencialmente paralelos. Enquanto a construção do sistema empresarial e a construção da inteligência de pesquisa e relação de conhecimento nos países centrais se fez sempre em interlocução - são culturas distintas, mas



que se desenvolveram com diálogo, em ressonância com resultados, numa dimensão primeira. Alguns programas, no Brasil os processos foram amplamente isolados e não incorporaram isso organicamente. Um programa que, ao colocarmos a mão na bolsa de produtividade de pesquisa do CNPq, não construíram um efeito sobre a continuidade da trajetória acadêmica, historicamente os hábitos de trajetória de pesquisador. Faz com que a renovação de convivência, haja dificuldade de bolsa seja feita à luz da avaliação do que se pasculdades culturais nessas áreas, em relação ao que foi comprometido e ao que se construção. Isso aconteceu e operava. Portanto é um processo em que há uma certa fortemente o desejo de pesquisa. Nós já temos constituídos no país vários esforços a gente se dotasse de recursos localizados. Eles nos autorizam a sonhar com uma instância com essas conquistas maiores, mas são insuficientes. É preciso missão explícita, que é possível ler os programas. É preciso aprender a medir o uma missão de interface, o impacto desse trabalho na sociedade. É uma questão uma missão de construção de que deve ser conduzida como aquilo que os químicos dessa interlocução em especial, em autoatualização, é um processo que deve ser tado permanente.

“Na Europa nós vamos encontrar o aparecimento de observadores de ciência e tecnologia, que não fazem diretamente o fomento, mas que estão permanentemente com as antenas voltadas para tudo aquilo que se passa. O projeto do Centro é uma resposta brasileira a esse desafio que é internacional.”

JU - Especificamente, como funcionará o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos?

Mirra - Tivemos recentemente em Brasília a Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pela sociedade. E esse encontro já tem um impacto nas nossas vidas maior do que é percebido. De plano de MCT, foi essencialmente um processo amadurecido que um trabalho de avaliação de impactos deve criação de protocolos de entendimento e de criação de um trabalho de aldar visibilidade e construir as funções de uma base política suprapartidária, que dê visibilidade e legitimidade daquilo que já é legítimo. Então é preciso de ao significativamente, à importância da geração de conhecimento em acompanhamento, em avaliação, nhecimento, à importância da ciência e tecnologia na sociedade contemporânea e seu significado para o país. Aquilo que foi realizado como um evento nacional, os desequilíbrios regionais?

JU - Como o Centro vai trabalhar a realidade dos desequilíbrios regionais?

Mirra - No Brasil a distribuição de competência para trabalhar em ciência e tecnologia ainda é extremamente desigual. Existe competência do mais alto nível em todo o território nacional. No entanto, permanentemente, sistematicamente, um olhar para a distribuição, em alguns desses lugares, ainda é muito raro. Produz-se ainda em isolamento de trabalho, será a prospeção e a realização de estudos locais, em isolamento de pesquisadores, em alguns estratégicos, numa busca permanente de respostas a problemas. E há uma forte concentração em outras regiões, em qualquer desses campos: quais são os problemas no Brasil é que se nós temos um são as questões científicas de fronteira, como é o projeto de Nação, o grau de desequilíbrio não pode está se desenhando o novo caminho no campo científico para ultrapassar um certo nível. É preciso que haja um fício? Simultaneamente, quais são as oportunidades de trabalho em comum dentro da sociedade, para plano internacional para um país como o Brasil? Como a gente possa efetivamente pensar como Nação, a gente pode se inserir nisso? Não é o Centro que vai resolver o problema dos desequilíbrios regionais não é um fazer esse estudo. Ele é mobilizador. A inteligência do problema da região, é um problema nacional, é um para fazer isso está nas nossas universidades, nos institutos de pesquisa, está na comunidade. O que se faz um trabalho de articulação que seja equivalente até no plano supranacional. A desejo é que se faça um trabalho de articulação que seja equivalente até no plano supranacional. A ximas dos centros de tomada de decisão. Que se possa estabelecer qual era o grau de desigualdade entre os sa informar os centros de decisão, como o Ministério de Ciência e Tecnologia e as próprias agências como a Agência Espanhola, construíram-se estratégias comuns, esse trabalho permanente de visão e reconstrução das forças receberam aportes maciços de recursos, não só visão de futuro. É um trabalho a ser feito permanente e nacional, mas da própria União Europeia como um temente, não é um processo divinatório, é um processo de fato. Porque a União Europeia considera que, para so de construção de realidades, através de leitura das coisas que se passa. Essa é uma necessidade que haja protocolos de entendimento funcionamento, operando acima de um certo patamar. A não tenha posição no Brasil é essa. Não é acreditar que não se possa construir à força, ou por um desejo, uma igualdade que nunca existira antes. Mas é construir completo. Já existe um esforço nacional e existe em todas as regiões de que não haja um desequilíbrio desagregado, nossas agências um acompanhamento em especial de ser. Os fundos setoriais, todos eles contemplam, à percepção de um deles, uma parte de todos os seus recursos para a redução de desequilíbrios regionais. Não se exclui que nos fundos haja estratégias diferentes, mas elas têm que ser escolhidas em conjunto. É preciso construir uma visão conjunta, definir quais são as ações conjuntas, quais são as ações específicas. Pela própria autonomia, quando os sistemas são organizados, é fundamental que haja um espaço de negociação, um foro de convergência, de interlocução. De novo é a missão do Centro.

JU - E a outra qual é?

Mirra - A outra é acompanhamento e avaliação. Existe um esforço nacional e existe em todas as regiões de que não haja um desequilíbrio desagregado, nossas agências um acompanhamento em especial de ser. Os fundos setoriais, todos eles contemplam, à percepção de um deles, uma parte de todos os seus recursos para a redução de desequilíbrios regionais. Não se exclui que nos fundos haja estratégias diferentes, mas elas têm que ser escolhidas em conjunto. É preciso construir uma visão conjunta, definir quais são as ações conjuntas, quais são as ações específicas. Pela própria autonomia, quando os sistemas são organizados, é fundamental que haja um espaço de negociação, um foro de convergência, de interlocução. De novo é a missão do Centro.

JU - O desenvolvimento tecnológico, utilizando-se dos conhecimentos produzidos pela pesquisa científica, é preocupação primordial dos países do mundo desenvolvidos. Como será tratada essa questão?



Mirra - Também é uma dimensão constitutiva do projeto de construção do Centro. A questão da inovação assumiu um papel que historicamente não tem precedentes. De certa maneira, a questão de organizar de forma mais produtiva a produção de conhecimento passou a fazer parte da agenda em todos os países desenvolvidos. Por isso, o Centro também terá como uma de suas funções a de ser um fórum de interlocução, dentro dessa dimensão específica que é a das estratégias de articulação entre a produção de conhecimento e a transformação desse conhecimento em bens e serviços úteis para a sociedade.

JU - Que referências se pode tomar do plano internacional, atualmente, para abordagem prospectiva da questão da produção do conhecimento?

Mirra - Em todos os países desenvolvidos, a questão da pesquisa, da produção de conhecimento representa uma atividade que é plural. É plural do ponto de vista da realização. O exemplo americano é confortável, mas poderíamos ir para a Europa Ocidental, para o Japão. No exemplo americano: há dez mil instituições de ensino superior, das quais 400 são instituições mais completas. Dessas 400, nós temos uma centena que são universidades no sentido pleno do termo. Quarenta delas formam 90% dos PhDs dos Estados Unidos. É plural no sentido de que se tem grandes centros geradores e indutores de conhecimento, que realizam uma vocação específica, até outros sistemas híbridos e compostos. Enfim, nenhuma dessas dez mil instituições é indiferente à idéia de pesquisa, embora elas a incorporem e a executem de formas variáveis. Há institutos de pesquisa privados, públicos, mistos, de toda natureza. Então é uma atividade plural, do ponto de execução e do ponto de vista do fomento. Na Europa nós vamos encontrar a similitude nas ações de financiamento e também o aparecimento de observadores de ciência e tecnologia, que são instâncias que não fazem diretamente o fomento, mas que fazem a leitura, estão permanentemente com as antenas voltadas para tudo aquilo que está acontecendo. Elas interferem pesadamente no sistema. São nacionais algumas e agora a própria União Europeia criou uma instância internacional que funciona em Sevilha, na Espanha. Esses são atores novos, essas espécies de agências que convivem com a questão da geração de conhecimento. O projeto do Centro de alguma forma é uma resposta brasileira a esse desafio que é internacional.

JU - E na construção desse Centro, qual é o maior desafio?

Mirra - Eu diria que a razão fundamental que justifica a criação desse Centro é o esforço para se construir uma gestão compartilhada. Isso significa que nós temos que aprender uma coisa que o mundo desenvolvido já está aprendendo rapidamente. É que o ator do sistema que chega querendo ganhar mais, necessariamente não significa que ele vai ganhar mais. Isso é verdadeiro no jogo de soma zero. Quando você ganha, você toma do outro. Mas isso não é verdadeiro se a junção dos atores significa que se multiplica o produto, que se gera uma riqueza maior. Eventualmente, do ponto de vista contábil, do ganho, é mais interessante que se tenha uma postura aberta, que se tenha capacidade de ouvir outras necessidades. Se eu tenho uma postura mais aberta eu também ganho mais. Essa é uma cultura muito nova para nós. Não há nenhuma culpa nisso, nenhum drama. Não foi essencialmente a maneira usual como que a gente trabalhava, embora tenha ocorrido obviamente em diversos espaços. Mas enquanto a prática coletiva, de processo social, de gestão de ciência e tecnologia, não tem sido. É e é preciso aprender esse papel. Uma gestão compartilhada é o eixo ou idéia central que dá sentido ao Centro. Estamos apostando e jogando fortemente no sentido de que a gente construa com a comunidade científica, com o setor empresarial, com os setores políticos, Legislativo e Executivo esse clima, esse protocolo. É um processo ao qual estamos nos lançando com entusiasmo.

“Se nós temos um projeto de Nação, o grau de desequilíbrio não pode ultrapassar um certo nível. É preciso que haja um patamar mínimo de entendimento, de trabalho em comum dentro da sociedade, para que a gente possa pensar como Nação.”

do Ministério de Desenvolvimento, do Ministério de Indústria e Comércio, da Academia Brasileira de Ciências, da SBPC, da Conferência Nacional da Indústria, do Fórum de Secretários Estaduais de Ciência e Tecnologia, do Fórum de Fundações de Amparo à Pesquisa dos Estados, do Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, do Sebrae Nacional, da Conferência Nacional da Agricultura. São 15 pessoas, cuja escolha representa a presença desses diferentes setores e segmentos. A lógica dentro desse tipo de organização é que neste conselho que está todo o poder. É ele que elege a diretoria. A assembleia que criou a associação me atribuiu a missão de ser presidente da diretoria provisória, o presidente encarregado de implantar o Centro. É o Conselho de Administração que vai escolher toda a direção, o presidente efetivo, os diretores. Esse órgão, o Conselho de Administração, tem uma vigilância e uma postura de construção permanentes. Ele é assessorado por um Conselho Fiscal. Essas são as instâncias que estarão presentes imediatamente. Além disso, ele tem um Conselho Consultivo, ao qual o Centro de Gestão presta conta do que fez e apresenta a sua programação para o próximo exercício.

JU - Quais foram as maiores dificuldades em tornar aceita a idéia do Centro?

Mirra - As maiores dificuldades se localizaram internamente. O primeiro reflexo foi a idéia de aproveitar as instituições existentes, para que elas desempenhassem esse papel. A primeira dificuldade em realidade, foi adquirir clareza de que o imenso esforço de se criar uma nova instituição valia a pena ser feito. Pesou nesse fato uma coisa que é claro às pessoas de administração, que é a presença do novo ator no processo de mudança. Quando se tem resistências internas muito fortes a mudanças de cultura dentro de uma organização, trabalhar sobre elas para a sua modernização e seu crescimento pode não ser a maneira mais eficaz. Mas é possível fazer uma coisa mais rápida, se um novo ator entrar em cena. Esse novo ator não só embalhar as cartas de outra maneira, mas faz a idéia passar. Ao mesmo tempo em que se configurava o diagnóstico, havia também uma grande clareza do papel positivo de cada uma das culturas dos atores envolvidos. Quer dizer, a Agência Nacional de Petróleo tem toda a legitimidade, toda razão para que reformatar o programa com aquela cara que ela propõe. Mas isso não coincide necessariamente com a visão do CNPq. Cito um caso público. A Agência Nacional do Petróleo via que apenas três eixos do CTPEter deviam ser explorados: produção, refino e distribuição. Uma agência como o CNPq diria: certo, esses são os eixos principais e deveriam concentrar dois terços ou três quartos do esforço. A cultura do CNPq é diferente. Ela diz: se não se oxigenar o sistema, esse sistema vai ficar congelado. Portanto, por que não criar também estratégias de apoio universal que mobilizem outros segmentos? A questão do petróleo interessa à área ambiental, muda as relações de trabalho onde ela se instala, tem um impacto sobre políticas públicas, sobre saúde, nas regiões onde se instala, é objeto de terríveis embates de direito internacional, direito administrativo e direito comercial. A ANP tinha outro olhar. Algum tem razão? Todos têm. Ninguém tem. É verdade, a ANP tem a sua missão clara, que é absolutamente correta. O CNPq vê a questão por um outro olhar, e está correto em fazer isso. A Finep vê de uma maneira diferente, enquanto empresa pública, cuja missão é estimular a inovação. Então, a idéia de que se pudesse trabalhar com um dos atores já existentes continha necessariamente um viés. Se se está fazendo uma opção, claro que há ganhos e também perdas. A opção de tentar uma estratégia nova só foi tomada depois de maduramente refletida, depois de as resistências internas vencidas, e acabou se cristalizando ao longo desse processo. Em seguida havia outra dificuldade inerente a qualquer idéia nova. Era percebida com uma certa desconfiança por todos os atores. Perguntavam: mas é realmente necessário? E essa pergunta tem que ser feita. E aí temos agora um trabalho, não de persuasão, mas de partilhar uma descoberta, relatar como a gente chegou a esse diagnóstico e como nos parecia que era necessário.

JU - Juridicamente, que forma terá o Centro e quais instituições estarão representadas nele?

Mirra - O modelo do Centro evoluiu ao longo de sua própria viabilização. O que finalmente revelou-se viável, possível é um modelo híbrido. O Centro está sendo criado como uma fundação, uma associação civil de direito privado, mas que não tem fins lucrativos. Ela vai se qualificar para prestar serviços de natureza pública. Não gera dividendos, não distribui dividendos entre os seus associados e seus dirigentes. Tem uma natureza jurídica de sociedade privada e funções de instituição pública. Ele tem dois órgãos colegiados fundamentais. O órgão de presença cotidiana, que se reúne mensalmente, é um Conselho de Administração. Esse Conselho de Administração tem uma representação que vem do setor público, do setor privado, da comunidade científica e dos órgãos de gestão. Ele é composto a partir de indicação de personalidades de alta competência e legitimidade que emanam do sistema do MCT, com presença de representantes do CNPq, da Finep, da Capes (MEC),



# Projeto Mosaico dá ao RS seu primeiro mapa digital

● LAIS CHAFFE  
Jornalista

**Confecção da carta-imagem, com fotos do Landsat, beneficia escolas, municípios e regiões, reforçando os laços da UFRGS com a sociedade**

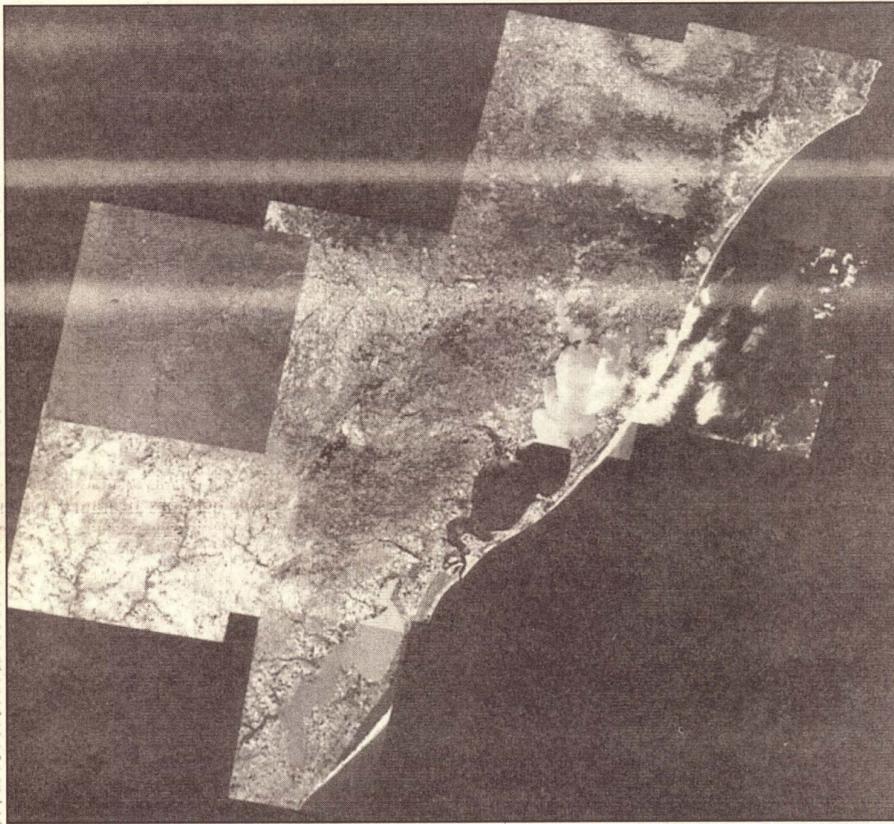
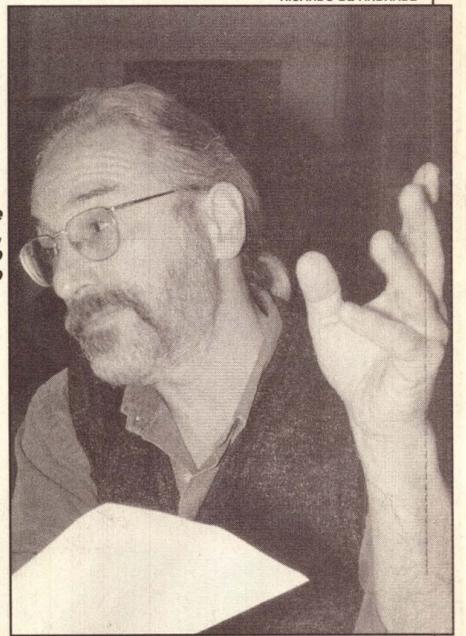
O Centro Estadual de Pesquisas em Sensoriamento Remoto e Meteorologia da UFRGS comemora os primeiros resultados de um trabalho que vem despertando bastante entusiasmo. É o Projeto Mosaico, iniciado em março de 2000 com o objetivo de confeccionar uma carta-imagem do Rio Grande do Sul a partir de dados orbitais – ou seja, imagens obtidas via satélite. A partir de 22 imagens fixas captadas pelo Landsat (satélite de recursos naturais), os oito pesquisadores envolvidos no projeto elaboraram o primeiro mapa deste tipo que será tornado público. Além das aplicações educacionais, o mapa poderá ser utilizado por prefeituras e órgãos públicos no planejamento da gestão do território. Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), o mapa foi concluído em outubro e já foi entregue à instituição, junto com o relatório dos trabalhos.

O diretor do Centro de Sensoriamento e coordenador do Projeto Mosaico, professor Jorge Ricardo Du-

cati, destaca a importância da iniciativa, principalmente no sentido de incrementar a relação da UFRGS com a sociedade, tornando o mapa uma peça pública de informação. “É o primeiro mapa do Estado que existe não só no meio impresso, mas também no digital”, informa Ducati, doutor em Ciências pela Universidade de Louis Pasteur,

de Strasbourg, na França. Até o final do ano, devem sair cerca de mil exemplares impressos do mapa e mil CD-ROMs, que serão disponibilizados a preços simbólicos às instituições interessadas. Com isso, os órgãos públicos

Professor Jorge Ricardo Ducati, coordenador do Projeto Mosaico



Imagens fornecidas pelo Landsat

não terão mais necessidade de aplicar grandes somas para adquirir os dados, acrescenta o professor.

Na prática, os resultados do Projeto Mosaico vão subsidiar a formulação de políticas públicas. Cada prefeitura será capaz de monitorar o crescimento de sua área urbana; da área das lavouras, seu estado e localização; além de identificar florestas e, futuramente, verificar eventuais modificações. Isso porque a ideia, agora que a técnica está dominada, é de atualizar o mapa a cada três ou quatro anos. O presidente da Fapergs, Sérgio Bampi, está entusiasmado com o projeto, informa Ducati.

## ESCOLAS

Outra iniciativa no sentido de estender os benefícios do projeto à comunidade é a distribuição do mapa para as escolas públicas, prevista para iniciar quando o material estiver pronto. Cada escola deverá recebê-lo tanto no formato impresso quanto no digital (CD-ROM). O uso do CD permitirá ao usuário o estudo do Rio Grande do Sul através de imagens de grande ampliação na tela do computador. Isso dá uma ideia da geografia do Estado nunca antes oferecida, equivalente à que seria observada em um mapa de 3m x 3m – visto parcialmente, de 14 em 14 polegadas, devido às dimensões da tela do computador. Haverá mapas em diferentes resoluções, para visualização rápida ou mais detalhada, permitindo que sejam vistos detalhes de até 30 metros.

As imagens fornecidas pelo Landsat foram o ponto de partida do trabalho desenvolvido pela equipe do Centro de Sensoriamento Remoto. Os dados do satélite são distribuídos no Brasil pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), cujo representante e intermediário no Estado é o próprio Centro. As 22 imagens foram captadas no verão, em dias sem nuvens, aproveitando a homogeneidade da vegetação, em pleno auge de seu ciclo. Essas imagens fixas, ao custo de R\$ 1 mil cada, correspondem a diferentes partes do Estado,

que depois foram unidas através do computador. Antes disso, os pesquisadores atribuíam coordenadas geográficas a cada uma delas – trabalho denominado tecnicamente de georeferenciamento. A base para isso são mapas topográficos, a partir dos quais são identificadas características como confluências de rios, estradas, baías, ilhas. Para cada imagem, identificaram-se cem pontos de referência.

A partir daí, todas as imagens são amarradas ao mesmo referencial geográfico, fazendo-se uma homogeneização das cores – tudo por computador, para deixar imperceptível a “colagem” das partes. O subproduto desse trabalho são 26 cartas-imagens, obtidas após a divisão do território gaúcho em 26 partes, em escala geográfica de 1/250 mil. Ou seja, além do mapa completo, o projeto disponibiliza essas cartas-imagens, adequadas a estudos regionais, por permitirem melhor visualização.

## APRESENTAÇÃO PÚBLICA

O interesse com relação aos resultados do Projeto Mosaico é tamanho que o Centro de Sensoriamento Remoto adotou medidas de segurança nos computadores para evitar a pirataria. E os pesquisadores já vêm recebendo pressões de pessoas interessadas em utilizar o produto antes mesmo do lançamento oficial.

O Mosaico foi idealizado como um dos quatro módulos de um projeto de criação de um sistema de informações sobre o território do Rio Grande do Sul, com base em técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento, como ferramenta para formulação de políticas públicas. Os demais módulos abordam o Macrozoneamento das Regiões do RS; Estudo de Caso de Caxias do Sul, Digitalização dos Mapas do Radam/Br. Dos quatro, o mapeamento do Estado por satélite é o de maior repercussão. O custo total dos quatro módulos é de aproximadamente R\$ 45 mil, sendo que R\$ 30 mil correspondem inteiramente ao Projeto Mosaico.

A equipe do professor Ducati é composta pelos professores do Instituto de Geociências Victor Haertel, Dejanira Saldanha e Dirce Suertegaray; pelo geógrafo mestre Laurindo Guasselli; pelos geógrafos Mônica Kreling e Rodrigo Lush; e pelo acadêmico Siclério Ahlert. De 9 a 12 de outubro, o Projeto Mosaico teve sua primeira apresentação pública, durante o Congresso Brasileiro de Cartografia, no Centro de Eventos da PUC. Um computador no estande da UFRGS permitia o acesso ao mapa em sua forma digital, com atendimento do pessoal do Centro de Sensoriamento Remoto. A versão impressa pôde ser apreciada num painel de 10m<sup>2</sup>.

## Notas

Nos últimos 40 dias, a vitalidade e a qualidade da comunidade da pesquisa da UFRGS tem sido reafirmada. Os resultados de 4 editais, todos ligados ao MCT, comprovam:

1) No Edital 00/2001 do CTPetro, carta-convite que envolveu recursos do Fundo Setorial do Petróleo e de 14 empresas selecionadas do setor, a UFRGS conquistou 14 projetos (10% do total dos aprovados). Os recursos somarão R\$ 8,4 milhões (incluindo recursos para custeio, compra de equipamentos e bolsas), para as áreas de Química, Geociências e engenharias.

2) Pesquisadores da UFRGS participam de 7 dos 17 projetos aprovados nos Editais 01 e 02 dos Institutos do Milênio, nas áreas de Matemática, Astrofísica, Recursos Hídricos, Microeletrônica, Ciências do mar e Ciências biomédicas. Infelizmente, não foram priorizados os projetos coordenados pela UFRGS, mas a importante presença de nossos pesquisadores nas redes acima referidas marca ipso facto esta universidade no cenário nacional.

3) A UFRGS teve aprovados 84 projetos no Edital Universal 2001, do CNPq. O total de recursos chega a R\$ 2,421 milhões, distribuídos entre todas as áreas do conhecimento e todas as faixas de apoio financeiro: 8 projetos na faixa A (até R\$ 100mil), 16 projetos na faixa B (de R\$ 25 a 50 mil), 30 na faixa C (de R\$ 10 a 25 mil) e 30 na faixa D (até R\$ 10 mil).

4) Dois pesquisadores da UFRGS tiveram propostas selecionadas para a formação de Redes Cooperativas de Pesquisa na área de Ciência e Tecnologia para a Restauração e Conservação de Bens Histórico-Culturais, pelo CNPq.

# Há 50 Anos a Assufrgs defende servidores

RICARDO DE ANDRADE

**Entidade foi criada em um 20 de setembro simbolizando incoformismo e rebeldia**

No final da década de 40, a então Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) estava para ser federalizada. A dúvida que pairava entre os funcionários era: como ficaria a carreira do servidor? Além disso, reivindicavam-se melhores salários. Para defender os interesses da classe, foi criada, em 1951, durante uma assembleia geral, a Associação dos Servidores Técnicos-administrativos da Universidade do Rio Grande do Sul (Assufrgs). No ano seguinte, a Universidade tornou-se federal, e a associação passou a se chamar Assufrgs.

Segundo Plínio Seston de Azevedo, um dos 15 fundadores da entidade, a data de fundação foi escolhida a dedo: 20 de setembro, dia em que se comemora a Revolução Farroupilha. “Escolhemos esta data porque é o símbolo dos rebeldes”, conta. Durante a assembleia, que teve a presença de 71 funcionários, foi elaborado um estatuto com atenção voltada às necessidades econômicas e sociais dos servidores. O primeiro presidente foi Paulo Freire, já falecido, funcionário do Instituto Eletrotécnico da Escola de Engenharia da Universidade.

Mas nem todos aceitaram ser federalizados. Seston lembra que muitos funcionários eram estatutários (cargos efetivos), e para estes foi criado um quadro suplementar. Eles permaneceriam no Estado, mas serviriam à Universidade. “Não se podia simplesmente pôr funcionários novos. Era necessário manter os do Estado, que já tinham experiência, para que a passagem de estadual para federal ocorresse com segurança.”

As décadas de 60 e 70, período da ditadura militar, foram tempos difíceis. Os servidores não tinham direito à sindicalização. Somado a isso, havia a repressão. A saída foi dar uma característica benéfica à associação. “Foi um longo período sem greves”, recorda José Luis Rockenbach, um

dos coordenadores da Assufrgs.

Na década de 80, passado o período da ditadura, a entidade passou a trilhar novos caminhos. O cenário era bastante animador, e começavam a surgir os movimentos populares e estudantis. Segundo Rockenbach, quatro acontecimentos marcaram a história da Assufrgs. Em 1984, houve uma grande paralisação nacional que durou 84 dias.

Tanto professores quanto funcionários aderiram à greve. Em 1985, a Associação deixou de ter caráter beneficente. Em 1987, conquistou o regime jurídico único, que passou a dar direitos aos servidores, como estabilidade no trabalho, carreira, plano de cargos e salários. Em 1988, a grande conquista: a Constituinte. A partir daí, o funcionalismo passou a ter o direito da sindicalização e o direito à greve.

De acordo com Rockenbach, a situação foi menos animadora nos anos 90. Marcado por uma virada na política nacional a partir da eleição de Fernando Collor de Mello, o serviço público começou a ser desmontado. “Sob o pretexto de caçar marajás, começaram as demissões”, diz. O governo de Fernando Henrique Cardoso, na opinião do sindicalista, continuou este processo e consolidou as reformas administrativas no Estado.

Rockenbach relata as perdas sofridas pelos servidores da UFRGS desde então. “Foram derrubados mais de 50 direitos dos servidores, entre eles, estabilidade, direito a data-base, aposentadorias especiais, licenças-prêmio, convênios. Durante esse período, a Assufrgs organizou a resistência aos ataques não-isolados, frutos das políticas Collor e FHC”.

A década de 90 foi marcada por diversas greves: 1994, 1995, 1997 e 1998. Nenhuma tão importante quanto a greve iniciada no dia 25 de julho deste ano, que, segundo Rockenbach é a maior já feita em termos de adesão nacional. Até agora, as perdas salariais dos servidores somam 75,48%.

“São sete anos sem reajuste, além de sucessivas perdas de direitos e redução de salários”. Em maio de 2001, o governo editou uma medida provisória que extinguiu a gratificação por atividade executiva. Ao in-



Assufrgs na rua, protestando e reivindicando

vés da GAE (gratificação de atividade executiva), que era de 160% sobre o básico, passou a vigorar o GEDAE (gratificação de desempenho, apoio e ensino), que varia de zero a 200%, dependendo do desempenho do funcionário.

“Alguns vão ter uma pequena melhora nos salários, mas a maioria terá uma grande perda”, avalia Rockenbach. Outra questão que preocupa a Assufrgs é a mudança nas tabelas salariais, que oferece reajuste maior para quem tiver nível superior. A terceirização é mais um problema. “Estimamos que, hoje, 30% da força de trabalho dentro da Universidade, seja terceirizada”.

Na primeira semana de outubro, uma surpresa: os salários dos servidores não foram pagos. A Assufrgs entrou com uma ação exigindo a liberação do dinheiro. O governo contra-atacou na Justiça, venceu, e a associação decidiu recorrer. “O papel da Assufrgs, hoje, é representar a categoria em suas reivindicações e organizar os trabalhadores para a luta, sem descuidar do seu papel associativo”, defende Rockenbach.

A Associação tem 4.500 filiados, entre aposentados e ativos. Todos contribuem com 1% do salário bruto. Nos últimos dez

anos, houve a consolidação do patrimônio e investimentos em lazer. Em 1994, foi adquirida a sede própria. No ano seguinte, a colônia de férias, em Garopaba (SC), passou por reformas e foi ampliada. A entidade também ganhou novos equipamentos, como computadores, máquinas fotográficas, filmadoras e móveis. Em 1998, foi adquirido um terreno, onde será construída a sede campestre da Associação.

Depois de meia década de história, a Assufrgs promoveu o primeiro congresso, o Conassufrgs, em dezembro de 2000, na Faculdade de Direito. As propostas do encontro foram, entre outras, discutir a necessidade em se aprimorar a organização para dar resposta a novos desafios, constatar deficiências da entidade e aprofundar o trabalho junto aos aposentados. Nos dois dias e meio de debates, participaram 113 pessoas, entre delegados, plateia e convidados.

“Os 50 anos da Assufrgs demonstram, por si só, a vitalidade da organização coletiva dos trabalhadores num período em que tanto se estimula o individualismo. E isso é um exemplo de que a união e a luta trazem conquistas que individualmente não seriam possíveis”, diz Rockenbach. (CF)



## O livro de volta à sua praça

**Este ano, a Feira do Livro de Porto Alegre homenageia Drummond, Minas Gerais e o México**

Todo ano a expectativa se renova. Logo depois da chegada da primavera, a Praça da Alfândega começa a se preparar para receber livros e uma multidão de gente – porto-alegrense ou não – em busca de cultura, informação, amigos e trocas de idéias. É mais uma Feira do Livro. A 47ª edição foi aberta na sexta-feira, dia 26. Mais uma vez o público fiel está lá, batendo papo com autores, assistindo a palestras, seminários, espetáculos. E comprando livros, muitos livros, novos ou nem tanto. A euforia corre solta, em meio ao verde e aos jacarandás reflorescidos em tons de lilás, o vaivém do chopinho gelado e a companhia dos amigos.

Nesta 47ª edição da feira, a poesia ganhou destaque, associada às artes plásticas. A praça ganhou um novo monumento – uma grande escultura em bronze, obra de Xico Stouckinger, em que aparecem os poetas Mario Quintana e Carlos Drummond de Andrade. “Achava injusto que não houvesse um monumento que homenageasse escritores”, diz Paulo Flávio Ledur, presidente da Câmara Rio-grandense do Livro.

Além da escultura, Drummond ganhará outras homenagens. Os organizadores da feira saíram na frente. Se estivesse vivo, no dia 31 de outubro de 2001, o poeta mineiro completaria 99 anos de idade. Para celebrar antecipadamente o centenário do poeta, haverá um seminário e uma mostra da obra do autor.

### CONVITE A MINAS

As novidades não param aí. Pela primeira vez, a Feira do Livro terá um outro estado brasileiro como convidado. Coube a Minas Ge-

rais ser o primeiro da lista. “As idéias foram surgindo, se fechando e ganhando forma”, conta Ledur. A feira contará com um estande especial para expor a produção literária mineira. “Vamos estabelecer alianças com diferentes culturas”, diz o presidente da Câmara.

A homenagem a Drummond e a seu estande se soma à escolha do poeta e professor de História da UFRGS Armino Trevisan como patrono. Ele comemora: “Sinto que estou representando toda a classe de escritores. Não acima, mas ao lado deles”.

No ano passado, a França foi o país homenageado. Neste ano, é o México. Até 11 de novembro, quando se encerra a feira, estarão presentes 27 personalidades, entre professores universitários, historiadores e escritores mexicanos. No dia 2 de novembro, às 20h, no Armazém 4 do Cais do Porto, será encenado o espetáculo O Dia dos Mortos, uma reverência ao escritor gaúcho Erico Verissimo e ao artista plástico mexicano, também já falecido, Juan Rulfo. Serão 30 atores gaúchos em cena, dirigidos pelo adido cultural do México no Brasil, Felipe Ehrenberg.

### FEIRA CRESCE

Além do México, outros 13 países estão presentes na feira, entre eles Alemanha, França, Estados Unidos e Argentina. Alguns participam com mais de um estande.

Ao todo, são 190 estandes espalhados pela Praça da Alfândega. No pavilhão de autógrafos, foi criado um novo espaço climatizado para acolher os escritores entre uma sessão e outra. “Será uma boa oportunidade para os autores trocarem idéias e se conhecerem”, diz Ledur. No ano passado, foram 530 sessões de autógrafos. Neste ano, serão 621 sessões, reunindo 1.500 autores durante os 17 dias.

Segundo Ledur, vários fatores vêm con-

tribuindo para a diversificação dos títulos e o crescimento da produção literária. “A Internet facilitou e agilizou o processo de criação dos escritores. O número cada vez maior de pesquisas feitas dentro das universidades também vem colaborando para o incremento da produção de livros. Aliada a isso, a tecnologia para produção gráfica evoluiu.” A crise e a virada do milênio também são ingredientes que contribuíram para o crescimento da produção literária. “As pessoas estão refletindo mais e sentindo a necessidade de transpor estas idéias.” Mas o número de leitores não acompanhou o crescimento. “Por isso, as tiragens menores possibilitam aos editores investir capital em diferentes edições.”

Ledur lembra que, mesmo nos países desenvolvidos, está havendo uma redução no número de leitores, porque hoje em dia há muitas opções de lazer. No Brasil, as questões econômica e cultural ainda são os maiores entraves. Por isso, ele credita o sucesso da feira também às promoções e aos descontos. “O poder aquisitivo caiu. Não posso querer que assalariado compre livro.”

Para Ledur, o papel de democratizar o livro caberia às bibliotecas. Hoje, há cerca de cinco mil espalhadas pelo Estado. “Nos países desenvolvidos, são elas os grandes clientes”, diz.

### GAÚCHOS PRESTIGIADOS

Os livros técnicos são os mais vendidos no Brasil. Em segundo lugar, estão os livros de auto-ajuda. Quem foi pioneiro neste segmento está levando vantagem”, avalia Ledur. Na Feira do Livro, as obras de autores gaúchos são as mais procuradas. No ano passado, de cada 10 livros vendidos, oito eram de escritores gaúchos. “É uma festa local, com ares de quermesse. Por isso, o leitor prestigia nossos autores”, acredita Ledur.

A feira vem contabilizando, ao longo dos anos, números expressivos. Em 2000, passaram por lá aproximadamente 1,6 milhão de pessoas e foram vendidos 432.340 livros. Este ano, a expectativa de venda é de 450 mil exemplares. “Estamos esperando um número de visitantes semelhante ao do ano passado”, diz o presidente da Câmara.

Pensando em servir bem todos os segmentos de público, a organização da feira preparou um atendimento personalizado às pessoas da terceira idade. Duas atendentes estarão à disposição para indicar e procurar livros. Além deste novo tipo de serviço, está programado um roteiro de atividades destinadas à terceira idade, que inclui seminários e palestras.

Segundo Paulo Flávio Ledur, a Feira de Porto Alegre é a mais popular do mundo, porque se realiza ao ar livre, oferece bons preços e reúne atividades que agradam aos mais variados gostos. “A nossa feira acolhe o público e cria um ambiente de encanto e ternura, expondo o livro de forma convidativa.” O movimento de cada primavera na Praça da Alfândega, avalia. (CF)

### Técnicos-administrativos retornam ao trabalho após três meses de greve

**Movimento encerra com vitória parcial da categoria, que agora vai negociar com o MEC as questões pendentes**

Centenas de servidores técnico-administrativos concentraram-se no saguão do prédio da Reitoria da UFRGS na quarta-feira, 24 de outubro, para saudar ruidosamente o que consideram uma vitória, embora parcial, sobre as intenções do governo federal, após três meses de greve.

Entre gritos, apitos e aplausos, o comando de greve anunciou ao vice-reitor José Carlos Hennemann que a categoria, reunida em assembleia, havia decidido retornar ao trabalho, o que só ocorreria na segunda-feira seguinte, dia 29, porque muitos dos servidores em greve estavam participando do Fórum Mundial da Educação e da Marcha dos Sem.

Mesmo com o fim da greve, a luta vai continuar, avisa o coordenador-geral da Assufrgs José Luis Rockenbach: “No Dia Nacional de Mobilização (31 de outubro), acompanharemos as negociações e faremos atos de solidariedade às demais categorias em greve, como os docentes da UFRGS, os previdenciários, os trabalhadores da saúde e os petroleiros”.

### VITÓRIA PARCIAL

O resultado das negociações ficou aquém do que a categoria desejava. Mesmo assim, pode ser considerado uma vitória, garante Rockenbach. “O governo federal recuou de sua pretensão de retirar nossa gratificação, a GAE; de implantar uma gratificação variável e por desempenho; de separar a categoria entre ativos e aposentados; de discriminar a categoria em seus níveis médio, superior e de apoio. Retirou todas essas propostas e incorporou a nossa gratificação ao salário básico. Haverá repercussão financeira, diferenciada mas importante para a categoria.”

Na pauta do movimento grevista, muitas reivindicações ficaram sem resposta. A começar pelo índice salarial: “As perdas salariais chegam a 75,48%”, diz Rockenbach. Entre as reivindicações não atendidas estão o reajuste, a questão da carreira, a re-hierarquização dos cargos, a contratação de pessoal, as verbas para a Universidade e diversas outras. Essas questões ficaram para ser discutidas em negociações posteriores entre o Ministério da Educação e o comando nacional, instaladas logo após o final da greve.

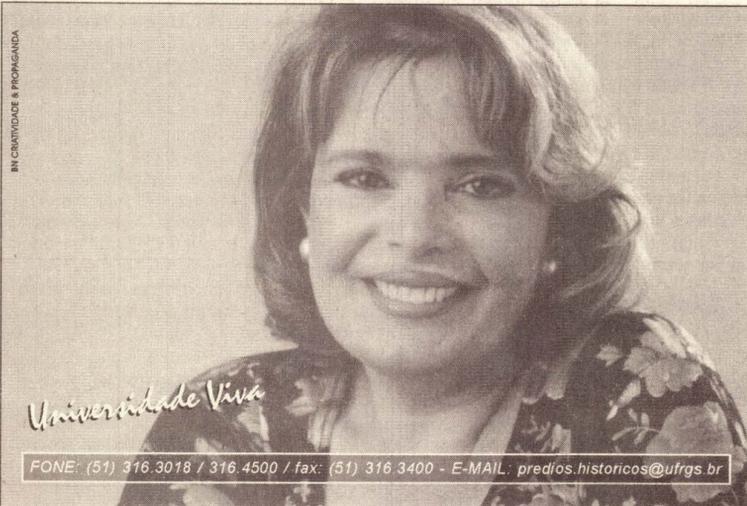
### RESGATE DA DIGNIDADE

Segundo Rockenbach o fato mais significativo desses três meses de mobilização foi o resgate da dignidade da categoria, que entendeu o momento difícil e aderiu em massa ao movimento. O índice de participação ficou entre 80% e 90%, com assembleias massivas no Salão de Atos e no Restaurante Universitário, o que resgatou o espírito de união e de solidariedade da categoria e de outras categorias de trabalhadores. “Quando o governo cortou o nosso salário, os demais trabalhadores e seus sindicatos e associações vieram em nosso socorro, doando alimentos e dinheiro para que sustentássemos esse movimento nacional.”

### DOCENTES EM GREVE

Em assembleia realizada na quinta-feira, 25 de outubro, no auditório da Faculdade de Direito, os professores da UFRGS decidiram pela manutenção da greve. Mas apresentaram um indicativo ao comando nacional: suspender o movimento se o Ministério da Educação aceitar a incorporação da GAE, a equiparação das gratificações (GED e GID) e a extensão desses benefícios aos aposentados.

De acordo com o professor Rubens Weyne, presidente da Adurgs, o resultado da assembleia foi positivo, embora nem todas as reivindicações iniciais estivessem contempladas no indicativo tirado durante a assembleia. Weyne acredita que a proposta dos docentes da UFRGS tem boas perspectivas de ser aceita pelo comando nacional de greve e de ser aceita pelo Ministério, o que determinaria o retorno imediato às aulas. Uma nova assembleia ficou marcada para o dia 29.



## Faça como a procuradora Sílvia: doe o que puder para os Prédios Históricos da UFRGS.

Advogada, procuradora do Estado aposentada e autora de vários livros sobre Direito, Sílvia Opitz é integrante da famosa “Turma do Sino” - alunos do Direito da UFRGS que levaram de lembrança o sino que há quase 100 anos anunciava os horários de entrada e saída da Faculdade. Mas a doutora Sílvia tem outros talentos: canta no coral da Ajuris, toca piano (também graduou-se na UFRGS) e faz poesia. Um de seus poemas mais bonitos é justamente “O Sino”, que na última estrofe diz: “Mas não foi por crime ou por maldade/ E só por isso merecem perdão/ É que pensamos ser o coração/ Da nossa velha e querida Faculdade”. Se você também quer contribuir com os Prédios Históricos da UFRGS, faça como a procuradora Sílvia: peça seu carnê ou débito em conta à Secretaria do Patrimônio Histórico e doe o que puder.



Universidade Viva

FONE: (51) 316.3018 / 316.4500 / fax: (51) 316.3400 - E-MAIL: predios.historicos@ufrgs.br

# Livro e cinco discos contam a história da música gaúcha

**Trabalho de Arthur de Faria estabelece um antes e depois na historiografia musical do RS**

Millôr Fernandes cunhou há tempos uma frase que vale ser lembrada em uma ocasião como esta: "Nem tudo está perdido; algumas coisas ainda nem foram achadas". A ocasião é o lançamento do álbum *Um Século de Música no RS*, feito de um livro de 342 páginas escritas por Arthur de Faria e cinco CDs com 100 músicas! A história da música e dos músicos do Rio Grande do Sul, que parecia perdida ou, na melhor das hipóteses, estava espalhada em dezenas de livros, infundáveis páginas de jornais e na memória de alguns protagonistas, é descoberta por Arthur em seu precioso volume. *Um Século de Música* é um trabalho inaugural, que estabelece um antes e depois nessa história – impressionante história, como prova o álbum.

Como diz no prefácio o músico Celso Loureiro Chaves, diretor do Instituto de Artes da UFRGS, Arthur "ordenou o desordenado, resgatando quase no último momento a memória e o presente antes que eles se perdessem para sempre". Idealizado pelo produtor cultural Carlos Branco, o projeto do álbum foi oferecido à Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e aprovado pela

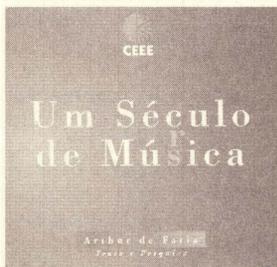
Lei de Incentivo à Cultura do Estado. Pena que não está sendo comercializado. A CEEE distribuirá os três mil exemplares para entidades educacionais e culturais do RS e outros estados. Mas esgotada esta primeira edição institucional, a lógica e o bom senso determinam que o álbum possa chegar a todos os interessados.

O ubíquo Arthur de Faria ocupou mais de um ano entre a pesquisa e a redação do livro, espremido entre suas inúmeras outras atividades (jornalismo, seu conjunto musical, produção e criação de arranjos para discos de outros, o projeto Cartografia Musical Brasileira etc). Consultou 62 livros, colheu mais de 50 depoimentos, escarafunchou coleções de jornais, mergulhou na internet. E ninguém mais poderá se queixar de falta de material de pesquisa sobre a música produzida no Rio Grande do Sul. O livro começa em 1900 e termina em 2000, envolvendo todos os gêneros, com capítulos especiais dedicados a nomes-chave da história, como Radamés Gnattali, Lupicínio Rodrigues, Elis Regina, Al-môndegas.

O texto principal desta página reproduz, com pequenos cortes, o capítulo dedicado a Gnattali. Ele dá uma ótima idéia do livro e vale como aperitivo para os leitores do *Jornal da Universidade*, antes que *Um Século de Música no RS* chegue às bibliotecas da UFRGS.



Arthur passou mais de um ano pesquisando para escrever as 342 páginas do álbum patrocinado pela CEEE



## Um século em 100 momentos

As 100 músicas distribuídas nos cinco CDs resumem o século 20 do Rio Grande do Sul, desde a histórica gravação de *Vem Cá Mulata*, com Os Gera-dos, de 1906. Vários jornalistas participaram, ao lado de Branco e Arthur, da seleção musical. Algumas das músicas e intérpretes: *Felicidade* (Quarteto Quintandinha), *Nervos de Aço* (Lupicínio Rodrigues), *Gente da Noite* (Túlio Piva), *Porto dos Casais* (Sílvia Caldas), *Dá Sorte* (Elis Regina), *Negrinho do Pastoreio* (Conjunto Farroupilha), *Pára Pedro* (José Mendes), *Negro da Gaita* (César Passarinho), *Não Podesse Entregá Pros Home* (Leopoldo Rassier), *Sétima do Pontal* (Renato Borghetti), *Desgarrados* (Mário Barbará), *Sonho* (Érica Norimar), *Vento Negro* (Al-môndegas), *De Um Bando* (Bebeto Alves), *Maria Fumaça* (Kleiton & Kleidir), *Armadilha* (Nelson Coelho de Castro), *Asa Morena* (Zizi Possi), *Pampa de Luz* (Glória Oliveira), *Verão em Calcutá* (Nei Lisboa), *Ana Cristina* (Tangos & Tragédias), *Esquadros* (Adriana Calcanhotto), *Ramilonga* (Vitor Ramil), *Rancheirinha* (Geraldo Flach), *Guitarreiro* (Luiz Wagner), *Por Favor Sucesso* (Liverpool e Carlinhos Hartlieb), *Surfista Calhorda* (Os Replicantes), *Somos Quem Podemos Ser* (Engenheiros do Hawaii), *Amigo Punk* (Gr-forrêia Xilarmônica), *Círculo Mágico* (Frank Solari), *Democracy* (Papás da Língua), *Miss Lexotan* (Jupiter Maçã) e *Detetive* (Comunidade Nin-Jitsu).

## Gnattali, o mestre que revolucionou a MPB

●ARTHUR DE FARIA  
Músico e jornalista

Nascido em 27 de janeiro de 1906, Radamés foi um menino-prodígio. Tinha míseros nove anos quando ganhou seu primeiro prêmio, em 1915 – e direto das mãos do cônsul da Itália, numa solenidade na Sociedade dos Italianos. Seu mérito: reger com absoluto sucesso uma orquestrinha de seis músicos em – pasmem! – arranjos escritos por ele. Nosso Mozart do Bonfim com essa idade também já se saía muito bem ao piano e ao violino. Era a estrela maior de uma família de músicos italianos, na qual também despontaram, além de seu pai e sua mãe, sua irmã pianista Aída Gnattali, e sua prima, a violinista pelotense Olga Fossati.

A mãe de Radamés, Adélia Fossati, fez nome como pianista e professora de música. O pai, Alessandro Gnattali, também pianista e professor, completava sua reputação como maestro, fagotista e anarquista de carteirinha. Alessandro chegou ao Brasil em 1896, para tentar a vida como tantos outros italianos pobres e imigrantes. Inicialmente trabalhou como operário, mas tinha um sonho: ser músico. Ralou, ralou, e, já nem tão jovem, conseguiu. (A paixão dos Gnattali pela ópera era tão intensa que os filhos seriam batizados como Radamés, Ernani e Aída – todos personagens de Verdi.) Bom italiano, Alessandro logo se tornou líder sindical e, à frente do Sindicato dos Músicos de Porto Alegre, organizou em 1921 a primeira – e, ao que se saiba, única – greve que a categoria fez na cidade. (...)

Radamés cresceu, portanto, num ambiente festivo e agitado, regado a vinho e boa música. E aí, com a já citada medalha ganha pelo filho nas mãos, Alessandro deu ao garoto duas opções: continuar os estudos convencionais ou ir aprendendo música às ganhas. Radamés escolheu o Conservatório de Porto Alegre – futura Escola de Belas Artes, hoje Instituto de Artes da UFRGS. Ajudado pela excelente formação musical caseira, o menino já entrou direto no quinto ano de piano do Conservatório. Aos 14 anos, começava então a estudar piano com o renomado Guilherme Fontainha. (...) Importado diretamente do Rio de Janeiro, Fontainha havia estudado em Paris e Berlim e já tinha dado concertos por toda a Europa. Além de titular da cátedra de piano, era também diretor da escola e, quando voltou para o Rio para dar aulas no Instituto Nacional de Música, já havia fundado nove outros conservatórios por todo o Rio Grande. Pois foi esse sujeito que se apaixonou pelo garoto talentoso e obstinado, tornando-se seu mais fiel incentivador.

Apesar de sua base erudita, no entanto, as seduções da música das ruas não tardariam a entrar pela janela da casa dos Gnattali, na rua João Telles. Resultado: no começo dos anos 20, o menino já tinha somado às suas peripécias ao violino e ao piano a fama de craque no cavaquinho e no violão. Sessenta anos depois, lembraria com saudade dessa fase: "Nós formávamos, eu, o Sotero Cosme, o Luís Cosme, o Júlio Grau e mais alguns músicos um pequeno bloquinho de Carnaval, meio moderno na época – Os Exagerados. Cada um tocava um instrumento. E como não podia levar o piano, comecei a tocar cavaquinho". (...)

Antes mesmo de sua formatura em piano no Conservatório, Radamés dá um consagrado concerto no Instituto Nacional de Música, no Rio. Mas passou todo o tempo livre que tinha na Capital perambulando do lado de fora do Cine Odeon, com o ouvido espichado para se deslumbrar com Ernesto Nazareth, pianero oficial da casa e um dos compositores populares mais respeitados da época. Ali Radamés descobre que isso, ser popular e respeitado, é possível. Ainda assim, volta para os pagos e prossegue seus estudos, até formar-se em piano, em 1923. Como não poderia deixar de ser, com o grau máximo e Medalha Araújo Vianna, de ouro.

Por aqui, já levando a vida dando aulas do instrumento. Sempre cercado dos amigos Luís e Sotero



Radamés rege a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1983



Porto Alegre, 1926: Radamés (D) e seu primo Romeu Fossati

Cosme, forma desta vez não um bloco de Carnaval, mas sim o Quarteto de Cordas Henrique Oswald: os irmãos nos violinos, Radamés na viola e, no violoncelo, um sujeito cujo nome se perdeu em algum lugar do passado. O quarteto tocava por várias cidades do Estado, como Caxias e São Leopoldo, um repertório que ia de Mozart a Beethoven. Ensaivavam diariamente e se tornariam uma das melhores formações de música de câmara de então. Entre 1924 e 26, Radamés ficou numa espécie de compasso de espera, mas sempre trabalhando muito, e com destaque, tanto em concertos e recitais quanto em bailes, cinemas, teatros e rádios.

Em 1929, Fontainha, lá no Instituto Nacional de Música, o chama. Ia apresentar um concerto reunin-

do os melhores alunos que passaram por sua cátedra, e Radamés não poderia faltar. Para melhorar, o concerto aconteceria no prestigioso Teatro Municipal, e com orquestra. Radamés foi, arrasou... E voltou mais uma vez pra Porto Alegre.

E aí, no mesmo 1930 em que apresentava suas primeiras composições no Teatro São Pedro, embarca com o pelotão do Tiro de Guerra nº 4 para defender as hostes getulistas na Revolução. Sempre, é claro, ladeado pelos fiéis irmãos Cosme. Só que, mal chegados a Florianópolis, a Revolução acabou.

Mas ele foi pro Rio assim mesmo. Tentou uma vaga num concurso de professor no Instituto Nacional de Música. O concurso não aconteceu. Fez ainda alguns concertos, mas foi vendo que não ia dar pra seguir carreira de músico erudito. Quem ganhou foi a música popular brasileira. Nos anos que se seguiram, Radamés não apenas revolucionou o conceito de arranjo para a música popular – ele é, com Pixinguinha, o pai do arranjo brasileiro, o preferido de gente como Orlando Silva, Caymmi e Francisco Alves –, como seguiu uma inclassificável carreira sem fronteiras entre as músicas erudita e popular. Em muitos casos dissolvendo uma possível fronteira entre as duas, como na monumental *Suíte Retratos*, para bandolim, conjunto regional e orquestra de cordas.

Foi também importante homem de rádio, consolidando sua carreira como um dos maiores maestros da música popular, numa geração de grandes. Foi um dos fundadores da Rádio Nacional, onde dirigia a Orquestra Brasileira de Radamés Gnattali, iniciativa inédita até então. Com ela, foi o encarregado de dezenas de programas fundamentais da história do rádio brasileiro. Só o *Um Milhão de Melodias*, que

lhe exigia nove arranjos novos por semana, ficou 13 anos no ar. Na sua longa vida, foram 30 anos de Rádio Nacional.

Radamés compôs muita música popular (...). Mas são os concertos e suítes – às vezes para instrumentos improváveis na música erudita, como o violão elétrico, a gaita de boca ou o acordeom – os grandes responsáveis por sua fama, que só fez crescer depois da morte. Junto, é claro, com as gravações de alguns dos mais revolucionários arranjos que escreveu. Três exemplos seriam suficientes: a gravação clássica de *Aquarela do Brasil*, com seu inquieto riff de sopros; os as cordas que envolveram pela primeira vez um samba-canção, no caso *Carinhoso*, na versão piramidal de Orlando Silva; ou ainda o arranjo totalmente bossa nova de *Copacabana*, com Dick Farney, 12 anos antes da Bossa Nova.

Como band-leader, Radamés também inovou conceitos e formou um núcleo que seria por décadas uma peça fundamental no panorama musical brasileiro, acompanhando em discos grandes nomes da música nacional: ele no piano, José Menezes na guitarra elétrica, Vidal no contrabaixo e seu amigo inseparável Luciano Perrone na bateria. Com o tempo, agregava-se o então muito jovem e talentoso gaúcho Chiquinho do Acordeom. (...)

Começam a trabalhar juntos em 53, quando Chiquinho sacia a antiga sede do maestro por um acordeonista que tivesse boa leitura e fosse capaz de integrar o seletíssimo time da Orquestra Brasileira. Chiquinho deu conta fácil, afinal era mesmo assombroso, e como poucos expandiu os horizontes do acordeom, instrumento que, diga-se, deve a ele muito de sua popularidade nos anos 50 (só pra se ter uma idéia, era Chiquinho que Luiz Gonzaga chamava quando queria um acordeom mais sofisticado em seus discos). Em 54, veio o convite para integrar o *dream-team* do quinteto de Radamés. Com o quinto, seguiu até a morte do velho mestre, que chegou, por sua causa, a escrever várias peças eruditas para acordeom e orquestra. Ou melhor, para Chiquinho e orquestra. Apesar dos 22 anos de diferença de idade, foram amicíssimos e parceiros de música e vida por 30 anos.

Outro assíduo colaborador gaúcho de Radamés foi Eduardo Nadruz Nascimento, o Edu da Gaita. Neste caso, a gaita era de boca e o gaúcho era de Jaguarão. Um dos maiores gaitistas que o Brasil já conheceu (...), aos nove anos já era atração em Pelotas, tocando Chopin em sua gaitinha. Em 1933 vai para o Rio. Sempre biscateando, só conseguiu uma chance quando, em 34, Sílvia Caldas o viu tocando na rua e o levou para a Rádio Mayrink Veiga. Com o emprego fixo na rádio, pôde, finalmente, dedicar 11 anos para um de seus maiores projetos: estudar obsessivamente o impossível *Moto Perpétuo*, de Paganini. Se o negócio já é incrivelmente virtuosístico para um violino, imagina para um instrumento de sopro limitado como a gaita. Mas deu certo: em 1957, Edu estreia sua versão da peça. Tem gente que até hoje não acredita no que ali está gravado. A partir desse atestado de excelência, Edu encontrou Radamés. Passa não só a ser solista de peças como o *Concerto Para Gaita de Boca e Orquestra*, como também a integrar eventualmente o quinteto/sexteto do mestre, como solista convidado. (...)

Só por essa capacidade agregatória Radamés já mereceria o posto de um dos três maiores músicos que o Rio Grande já gerou. Mas ele ainda foi guru absoluto de gente como Dorival Caymmi e Tom Jobim – que o reverenciou até a morte –, mentor espiritual de formações revolucionárias como seus quintetos e sextetos ou, já em idade de aposentadoria, idealizador do grupo de choro mais revolucionário surgido até hoje, a Camerata Carioca. "Radar", como era conhecido pelos amigos, morreu em 88, depois de dois anos paralisado numa cama, por causa de um derrame. Ironia absoluta para quem, como ele, trabalhava obsessivamente, 24 horas por dia.



# Stela Maris Kuze Rates: em casa na Farmácia

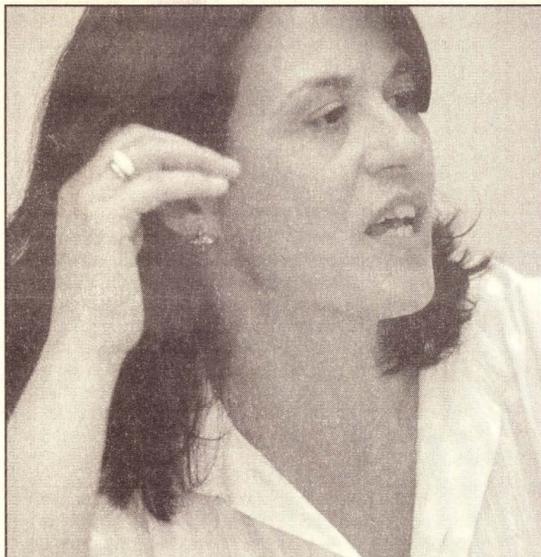
●ADEMAR VARGAS DE FREITAS  
Jornalista

*Stela Maris Kuze Rates é professora adjunta do Departamento de Produção de Matéria Prima da Faculdade de Farmácia e vice-coordenadora da Comissão de Pesquisa, dá aulas no pós-graduação e mantém duas disciplinas na graduação. Além disso, é coordenadora do Núcleo Disciplinar da Associação das Universidades do Grupo Montevideu. Stela garante que tem uma profunda relação de afeto com a Universidade e que é capaz de entrar de pé no chão na Faculdade, como na sua casa.*

ela nasceu em Vacaria, no dia 24 de setembro de 1961. O pai, João Rates, camioneiro, morreu de infarto quando ela tinha 13 anos. Dois anos depois, a mãe, Terezinha Kuze Rates, resolveu se mudar para Caxias do Sul com as quatro filhas (Stela, Cirlene, Mariney e Maristela).

Stela se considera "filha do ensino público, gratuito e de qualidade". Completou a quinta série, aos 11 anos, no Grupo Escolar Padre Paçífico, em Vacaria. Como era boa aluna, ganhou bolsa de estudos para estudar num colégio de freiras, o São José, onde só estudavam meninas. Mas o fato de vir de uma família pobre, ser míope e só tirar notas boas lhe custou um ano de discriminação e isolamento. "Foi o pior ano da minha vida em termos escolares: eu ia bem, gostava de estudar, tinha facilidade, mas senti uma enorme diferença social em relação às outras alunas."

Preferiu voltar para a rede estadual. No Colégio Estadual José Fernandes de Oliveira, fez a sétima e a oitava séries do primeiro grau e o primeiro ano do segundo grau. No ano seguinte, a família já estava em Caxias do Sul, onde Stela concluiu o segundo grau, no Colégio Estadual



"Quero ser associada à Psicofarmacologia"

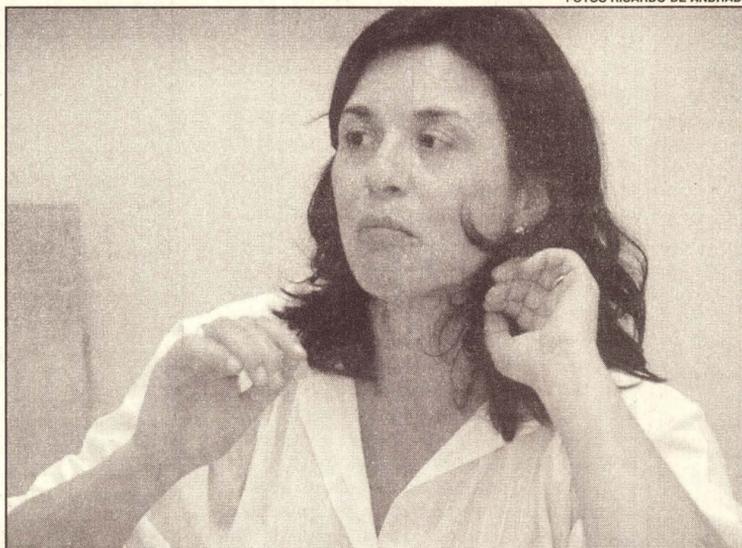
Santa Catarina, estudando à noite e trabalhando de dia como telefonista e recepcionista num supermercado.

Por essa época, ela — que sempre fora boa aluna e gostava especialmente de Química — já tinha decidido que ia fazer Medicina na UFRGS. "Quando menina, eu brincava muito de hospital, tinha coleção de bichos e já fazia experiências 'em laboratório'." Em 1979, desceu a encosta do Planalto disposta a enfrentar o exame vestibular de Medicina na UFRGS mesmo sem ter feito cursinho. "Fui procurar a lista de aprovados e vi que não tinha passado. E, no minuto seguinte, me dei conta de que não queria Medicina, queria mesmo era Farmácia, a segunda opção." Stela retornou a Caxias, fez cursinho e no ano seguinte voltou com toda a força para Porto Alegre, disposta a passar no vestibular para a Faculdade de Farmácia." E passou.

## O PRIMEIRO DIA

"Lembro que o primeiro dia em que entrei na UFRGS foi um impacto. Acho que eu era muito alienada, nem sabia que a gente vinha de uma ditadura e que a anistia tinha sido decretada no ano anterior. Quando cheguei aqui na Faculdade de Farmácia, estava tocando aquela música do Vandré, *Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não...* Aí, o mundo mudou para mim."

Foi nessa época que ela se aproximou de quatro colegas que até hoje a acompanham na vida e na Farmácia, como amigas e colegas. São "as gurias da turma /80": Teresa Dalla Costa,



"Sou filha do ensino público, gratuito e de qualidade"

Sílvia Guterres, Sandra Rech e Vera Eifler Lima. Stela residiu quatro anos na Casa do Estudante da Rua São Manuel. Depois de formada, fez uma ênfase de um ano e morou um semestre na Casa do Estudante da João Pessoa, que já era mista.

"Dizem que estudante da UFRGS é rico, pode pagar. Eu sou um exemplo de que não. Se não fosse a Casa do Estudante, não teria me formado naquilo que queria e depois feito mestrado e doutorado." Ela considera muito importante transmitir essa visão da realidade para os alunos e para a sociedade, mas sabe que nem sempre é fácil: "A própria família, às vezes, não compreende".

Durante seis meses, Stela fez curso de especialização em Farmacologia e Produtos Naturais na Universidade Federal do Mato Grosso. Quando voltou, fez prova para o mestrado. Rodou (por não ter tido tempo para estudar) e passou um ano trabalhando numa indústria farmacêutica. Por essa época, conheceu Ricardo Vieira, técnico analista de sistema do CPD da UFRGS.

"Começamos a namorar, e eu engravidei. Então decidi que ia fazer mestrado em Porto Alegre mesmo. Na época o mestrado era mais longo. Quando comecei, em 1986, estava grávida de Pedro; quando terminei, em 1989, já estava amamentando Elisa." Depois disso, Stela passou um período fazendo pesquisa e trabalhando na Farmacologia na Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCM), com bolsa aperfeiçoamento.

## OPTANDO PELA FAMÍLIA

Quando terminou o mestrado, tinha uma bolsa para fazer o doutorado na França, na área de síntese de

fármacos. Passou uns seis meses em conflito: seu sonho era conhecer a França, mas tinha dois filhos pequenos, e Ricardo, que não pretendia seguir a carreira acadêmica, achava que não teria o que fazer lá. "Me custou muito, mas optei pela família. Não me arrependo, mas não posso negar que as coisas se tornaram mais difíceis."

Ela resolveu fazer o doutorado em Psicofarmacologia (estudo de substâncias que agem sobre o sistema de nervoso central) na Escola Paulista de Medicina. Começou em 1991. A parte experimental foi feita na Farmaco da FDDCM, outra parte, com duração de três meses, foi feita em Toronto, no Canadá.

Em 1992, entrou para a UFRGS como professora (tinha feito concurso e tirado o terceiro lugar). Concluiu o doutorado dando aulas, sem afastamento. "Época difícil: fazer o doutorado, lecionar, cuidar dos filhos e enfrentar a fase dura de um casamento em dissolução. Quando terminou o doutorado, as coisas ficaram mais tranquilas para ela. Então, se separou. "Eu e Ricardo continuamos sendo muito amigos. Foram dez anos juntos, fizemos mestrado juntos, enfrentamos muitas dificuldades na vida, tivemos dois filhos. Tomo chimarrão com ele até hoje."

Agora, Stela está novamente "encasada", como costuma dizer. Com Mauro Castro, professor da UFRGS. Ricardo também casou de novo, com uma técnica da UFRGS. Quem lucra são os filhos, que têm estreito convívio com o meio universitário. "Pedro tem 15 anos e está no primeiro ano do segundo grau. Elisa tem 12 e faz a sétima série do primeiro grau. Ambos, em escolas particulares. Não conseguiram vaga no Colégio de Aplicação, que era o ideal, mas desejo que se formem pela UFRGS."



## Um laboratório no banheiro

Stela considera que produziu bastante nos últimos três anos tendo em vista as poucas condições iniciais, já que a Faculdade de Farmácia não tem tradição na área de Psicofarmacologia. O primeiro trabalho que publicou após o doutorado foi desenvolvido num banheiro. "Na época entrei com um projeto na Fapergs e montei o laboratório num banheiro desativado. É o ônus do pioneirismo." Frequentemente ela é associada com planta, com controle de qualidade, porque fez mestrado em Fitoquímica, mas quer ser associada à Psicofarmacologia. "Estou no começo e acho que estou produzindo bem."

Mas, como se mede a produção de uma pesquisadora como Stela? "Se mede assim: há publicações internacionais e nacionais, livros. Eu mantenho, em média, três publicações por ano nos últimos três anos. Tenho publicado também capítulos de livros na minha área que têm sido muito utilizados em livros para graduação, o que considero importante. Como os livros organizados pelo professor Schenckel, *Farmacognosia, da planta ao medicamento* (que está vendendo bem no Brasil) e *Cuidados com medicamentos*, ambos publicados pela Editora da UFRGS.

Há outro tipo de produção que não é medida cientificamente, mas que é importante. "Chega um momento em que a pessoa tem que decidir ou pela produção científica básica, de impacto, essa que é publicada em revistas internacionais e que tem que se trabalhar muito para conseguir (só o fato de ser latino-americano...) ou pela extensão, por um trabalho mais informativo. E eu resolvi ficar com os dois. Acho que existe uma função muito importante, que é a formação de recursos humanos, que é a formação continuada."

Stela diz que é ambiciosa. "Já me classifiquei como generosa e como humilde, mas também sou ambiciosa. Claro que quero produzir e aparecer cientificamente. Acho que tenho potencial para produzir mais. Utilizo minha energia também escrevendo, por exemplo, um texto que vai ser publicado no jornal da Associação dos Farmacêuticos do Rio Grande do Sul. Esse texto vai ser lido por farmacêuticos, pessoas que não trabalham com pesquisa e que não têm acesso imediato à formação científica e para os quais sirvo como uma ponte, um repasse. Isso vale pouco no meu currículo científico, o que é injusto, mas para mim vale muito. Acho que é uma obrigação que a Universidade tem."

## VOLTAR À EUROPA

"Fiz quase tudo o que queria, até curso de fotografia na Fábico: só me faltava ir à Europa e escrever um livro de ficção. Recentemente passei dois meses na Europa, fazendo um curso e passeando. O Mauro estava lá, fazendo mestrado em Atenção Farmacêutica. Passamos uns dias juntos, ele voltou e eu fiquei trabalhando 45 dias na Faculdade de Medicina e Farmácia da Universidade de Rouen, a 100 quilômetros de Paris, onde eu ia todos os finais de semana. Mais Londres, Barcelona e Madri. Quero voltar."

## QUESTÃO DE AMOR

"Eu estava na França, fazendo um estágio de aperfeiçoamento e quando cheguei os técnicos-científicos já estavam em greve. Os professores, também. Achei muito corajoso os técnicos não terem começado o semestre, o que indica que esta greve tem tudo para ser forte. Sou a favor dos motivos da greve, embora não ache o melhor meio, até porque não há outro meio. Mas é a vida da gente, a meta da gente. Estou de greve, sem receber salário, mas não consigo deixar de vir. Não há aula, mas as atividades de pós-graduação estão funcionando. Sou bolsista do CNPq, tenho um projeto a cumprir, relatórios a fazer, tenho alunos de mestrado com prazos a cumprir. Há certas atividades que se forem interrompidas prejudicam à gente e aos outros."

## ESQUIZOFRENIA E DEPRESSÃO

"Trabalho com Farmacognosia, e a minha área de trabalho se direciona principalmente ao estudo de plantas do Rio Grande do Sul que possam ter atividades sobre o sistema nervoso central. Não só com plantas, também trabalho com substâncias sintéticas. No momento trabalho com espécies de *Hypericum*, uma planta nativa do Rio Grande do Sul, e também com espécies de *Paffia*. Busca-se atividade antidepressiva e antipsicótica."

## ESPÍRITO REBELDE

"Recebi convite para trabalhar numa universidade particular, mas fiquei chocado com a idéia de sair da UFRGS. Ganharia quase o dobro, só não teria a mesma liberdade de pensamento que ainda se tem aqui. Nem é só questão de qualidade, é questão de poder contestar, de poder pensar diferente e sustentar esse pensamento. As pessoas que estão aqui são as que deveriam estar, porque têm espírito rebelde, porque têm espírito livre. Ganhando pouco, sem aumento, sem condições, então, estamos aqui por quê? Estamos aqui em nome de uma rebeldia, de uma idéia, de um jeito de ser que não seria compatível com nenhum outro meio."

## PAIXÃO E GENEROSIDADE

"Para quem está fora, ser professor doutor adjunto e ter passado um tempo no Exterior tem uma conotação que, para nós, aqui dentro, não tem. Isso é o nosso dia-dia. Quando estava na quinta série, numa escola pública do interior do Rio Grande do Sul, eu tinha um determinado destaque. Agora, aqui na Universidade, só como professor doutor ninguém tem destaque. Então, as pessoas entram numa certa contenda. Acho isso um pouco negativo. O destaque deve nascer do trabalho e de ações efetivas. É necessário transformar em generosidade essa rebeldia e essa paixão que todos temos."

## TÍTULO NÃO ABRE PORTA

"Tem que ser rebelde, mas também tem que ser generoso. Rebelde, generoso, idealista e... turrão, até. Também precisamos ter um pouco de humildade. As pessoas chegam com seu DR e acham que esse DR vai lhe abrir todas as portas. Isso acontecia 20 anos atrás, quando existia poucas pessoas com doutorado. Agora, o nível de doutores que a UFRGS formou é imenso. Agora o caminho é outro. O DR não te abre portas, no máximo te permite bater na porta."

## UM GESTO POLÍTICO

"Comecei a participar das reuniões da Associação das Universidades do Grupo Montevideu (AUGM) quando ainda era doutoranda. Na época, era um encontro para jovens pesquisadores, aberto apenas a professores. Agora é para jovens estudantes, bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado, os professores só acompanham. Eu participo como coordenadora de núcleo. Acho que participar da AUGM é um gesto político das universidades, mas, o que é que eu ganho indo a um encontro do qual participam alunos da Universidade de Assunção, visivelmente mais pobres, mais despreparados? Não ganho nada: o meu aluno é mais bem preparado, a UFRGS tem um patamar de pesquisa muito mais alto algumas universidades que participam. Mas acho que a nossa função é apoiar o crescimento das universidades públicas do Con Sul da América do Sul, é ajudar na manutenção e no fortalecimento dessa independência, dessa autonomia. É aí que entra questão da generosidade."

## MOMENTO DE REFLEXÃO

"Tenho pensado em toda essa questão da autonomia universitária, do estímulo e ligação das universidades com as empresas. A gente tem buscado avidamente essas parcerias como uma forma de sobreviver, de alimentar nossa pesquisa. Mas, se que não estamos fazendo isso sem um momento maior de reflexão? O nosso compromisso não pode ficar muito direcional, senão quebra a nossa rebeldia e a nossa liberdade. Na verdade, rebeldia e liberdade combinam muito com a mente empresarial. Por outro lado, é preciso o repêdo do conhecimento para o setor produtivo. Precisamos discutir o que será feito do nosso conhecimento, a quem ele vai servir, gente tem discutido isso."